44ª ROMARIA DA TERRA

1º de março de 2022

Agricultura Familiar e Agroecologia:
Sinais de Esperança

"Irmãs e Irmãos Cuidemos da Mãe Terra"

Parque do IBAMA
Ilópolis/RS

E-mail: cptdors@gmail.com
Facebook: RomariaDaTerraDoRS

ORGANIZAÇÃO

Diocese de Santa Cruz do Sul

CPT

CNBB Sul 3

APOIO

AGRICULTURA FAMILIAR E A 44ª ROMARIA DA TERRA

Dom Aloísio Alberto Dilli
Bispo de Santa Cruz do Sul

No primeiro dia do mês de março de 2022, nós esperamos que milhares de adeptos e simpatizantes da agricultura familiar estejam caminhando esperançosos ou mesmo com os olhos voltados para Ilópolis/RS, onde estará acontecendo a 44ª Romaria da Terra. O município escolhido se localiza dentro da Diocese de Santa Cruz do Sul. É uma região, onde muitos pequenos proprietários se dedicam com maestria ao cultivo da erva mate ou à produção de outros alimentos, comprovando que a agricultura familiar não é apenas viável, mas caminho de sucesso e garantia de continuidade para as futuras gerações. Por isso os organizadores da 44ª Romaria da Terra definiram assim o tema da Romaria: "Agricultura Familiar e Agroecologia: Sinais de Esperança".

São três os destaques do tema:

1º. A agricultura familiar está focada na produção de alimentos, normalmente saudáveis, envolvendo as pessoas do núcleo familiar. Por isso, no intuito de garantir a continuidade da propriedade familiar, a Romaria da Terra destaca também a presença da juventude. Muitos deles inclusive frequentam Escolas de Jovens Rurais e sonham esperançosos com a agricultura familiar. Por isso merecem todo nosso incentivo e acolhida.

2º. A agricultura familiar valoriza a agroecologia: entre os clamores das Romarias da Terra está a importância de evitar as sementes transgênicas e produzir alimentos sem agrotóxicos, sem venenos que acabam com nossa saúde e a dos outros. São dois princípios que sustentam a agricultura familiar e a diferenciam do agronegócio. Assim, uma das grandes atividades da Comissão Pastoral da Terra (CPT), na Diocese de Santa Cruz do Sul, é a manutenção do Banco de Sementes Crioulas e o incentivo à organização dos Guardiões das Sementes.

3º. A agricultura familiar proporciona a possibilidade de participação dos jovens, o que nos dá sinais de esperança para continuidade, pois o núcleo familiar proporciona a possível permanência dos jovens no interior e com perspectivas esperançosas para a produção de alimentos saudáveis pela agroecologia, como acontece com o cultivo da erva-mate.

Foto: NF Audiovisuais, 43 ª RT, Mormaço, 25/02/20

O lema da 44ª Romaria da Terra – **"Irmãs e Irmãos, Cuidemos da Mãe Terra"** – se fundamenta em duas encíclicas do Papa Francisco.

1º. Na Laudato Si (sobre o cuidado da Casa Comum), o Papa insiste na necessidade de cuidarmos da nossa Mãe Terra. A terra não pode ser tratada exclusivamente com objetivos de exploração, mas precisa ser respeitada como Mãe, que nos garante o alimento e a água. Ela é a nossa "casa comum", devendo ser tratada como nosso lar.

2º. Na Fratelli Tutti (sobre a Fraternidade e a Amizade Social), o Papa insiste: "Somos todos irmãos". Por isso convida-nos a um espírito de fraternidade universal: "Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos dessa mesma terra que nos abriga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos" (FT, n 8).

Como filhos e filhas do mesmo Pai (Pai Nosso) e moradores da mesma casa (nossa Mãe Terra), assumamos, solidariamente, os cuidados com a nossa casa comum e a transformemos num verdadeiro LAR de irmãos e irmãs. Unamo-nos na produção de alimentos orgânicos, evitando o mais possível os venenos, tomando o cuidado que não faltem alimentos de boa qualidade para ninguém.

BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE ILÓPOLIS

Jurandir Marques, Secretário de Agricultura de Ilópolis e
Cléber Schuster, Técnico da Emater.

Foto: Vista área cidade Ilópolis , prefeitura de Ilópolis - RS

Ilópolis Cidade da Erva-Mate

Em 1905 iniciou-se a colonização do atual município de Ilópolis, com a chegada de imigrantes italianos. Há, no entanto, vestígios de povos indígenas em toda a região. Em 1911, colonizadores provenientes de Bento Gonçalves e Caxias do Sul chegaram atraídos pela grande concentração de araucárias. Na época, a principal atividade econômica era a exploração da madeira. Quando em 1915, foi criado o Município de Encantado, suas terras estavam incluídas nos Distritos de Itapuca e Anta Gorda. Grande oportunidade surgiu com a construção da estrada que ligou Encantado a Soledade, em 1928. O fato é tão marcante que em 1931, o povoado de Ilópolis já tinha superado o de Itapuca, que não se localizava na beira da estrada. Sete anos depois, pelo Ato Municipal Nº 03 de 10 de janeiro de 1938, Ilópolis passa a ser sede de Distrito, ficando Itapuca apenas como povoado. Mais tarde foi recriado o Distrito de Itapuca, diminuindo a área de Ilópolis, sem, no entanto, prejudicar sua situação de progresso. A emancipação de Ilópolis ocorreu na data de 26 de dezembro de 1963, perfazendo uma área geográfica de 125,25 Km², tendo como limites principais os municípios de Arvorezinha, Anta Gorda e Putinga. Possui hoje uma População de 4.102 habitantes.

Ilópolis, como seu próprio nome já diz, é a "Cidade da Erva-Mate" (Ilo do latim, erva-mate, pólis do grego, cidade). Colonizada por italianos, distante 200 quilômetros da capital do Rio Grande do Sul, tendo como acesso a RS 332 e RS 435. No meio rural as famílias se reúnem em comunidades, centradas em 18 Capelas e salões comunitários aonde são programadas e realizadas todas as ações comunitárias. Existe uma predominância da religião católica no município, entretanto, nos últimos anos outras religiões de forma organizada se instalaram. A população é formada predominantemente por descendentes italianos, com presença de luso-brasileiros.

Ilópolis localiza-se no Alto Taquari, sendo um centro geográfico de ligação com os municípios de Putinga, Arvorezinha e Anta Gorda, que ficam no entorno a distâncias médias de 10 km. O município se distancia 49 km de Encantado e 85 km de Lajeado. A altitude média é de 800 metros acima do nível do mar e o clima é do tipo temperado. No verão são registradas temperaturas próximas a 38° C e o inverno é rigoroso registrando-se temperatura abaixo de 0° C. A precipitação média anual é de 1.700 mm a 2.256 mm. As chuvas são bastante regulares, ocorrendo chuvas frequentes em todas as estações do ano. As atividades agropecuárias desenvolvidas principalmente nas pequenas propriedades rurais, as quais utiliza a mão-de-obra familiar, constitui a base econômica do município. Os recursos naturais do município constituem-se numa riquíssima variedade de espécies de árvores nativas como erva-mate, araucária, cedro, canjerana, angico, canela, guabiroba, pitangueiras, etc.

No sistema de produção destaca-se o milho, a erva-mate, conduzidos com relativa eficiência, bem como a suinocultura. A exploração da erva-mate proporciona importante entrada de recursos na propriedade rural, tornando-se a principal economia do município. O município de Ilópolis tem hoje 33 Ervateiras ou Agroindústrias de erva mate. Os sistemas que mais representam a economia agropecuária do município são: erva-mate, milho, soja, gado leiteiro; frango de corte,

suínos, feijão, fumo, apicultura, piscicultura. A dificuldade é o elevado custo para implantar o aviário. Neste sistema de produção, o produtor tem a vantagem de dispor de adubo orgânico, para aplicar nas lavouras diminuindo com isto a dependência externa. Outra vantagem deste sistema é que a avicultura de corte necessita de pouca mão de obra em relação a outras atividades. Atualmente o sistema de produção da fumicultura vêm decrescendo, dando espaço e oportunizando as famílias a implantação de outras culturas.

A exemplo de outros municípios Ilópolis, também registra uma inversão de percentagem à maior do rural para o urbano, ocasionando com isto uma dificuldade na sucessão das propriedades rurais, tornando mais escassa a mão de obra no meio rural, que é necessária nas atividades cotidianas em razão do relevo não favorecer a mecanização.

Em relação a alimentação das famílias rurais observa-se que possui muita influência da colonização italiana, em razão da grande maioria das famílias serem descendentes de italianos. A polenta é um prato típico e bastante presente nas mesas do meio rural, juntamente com a "fortaia" (omelete com queijo, ovos e salame). Pode-se afirmar que a absoluta maioria das propriedades possuem horta doméstica, destacando-se considerável variedade de olerícolas produzidas, no entanto, em outras produções a diversificação ainda é baixa. Pomares domésticos também são cultivados, com variedades que se adaptam ao solo e clima da região. Destaca-se o cultivo doméstico, para subsistência, os citros, videiras, pêssego, amora, morango e figo. Muitas famílias produzem seu vinho e, em alguns casos, é industrializado!

Foto: Luiz Antônio Pasinato, arquivo CPT/RS. 2021

Moinho Colonial de Ilópolis

As habitações são na grande maioria de alvenaria e em pequena parte de madeira. A maioria das habitações de Ilópolis encontram-se estruturadas para bem acomodar seus moradores. Em relação ao saneamento podemos afirmar que não existe tratamento para o esgoto cloacal na cidade. Já as propriedades rurais na sua maioria possuem apenas o poço sumidouro. Não são muitas as propriedades que possuem o sistema correto de tratamento do esgoto doméstico.

O município de Ilópolis conta com 16 poços artesianos e 1.050 vertentes, destas 680 fontes naturais são utilizadas. O abastecimento de água por rede na área rural abrange 16 comunidades e em duas está em andamento a construção da rede. No perímetro urbano é realizado pela CORSAN.

Praticamente 100% do meio rural é coberto por energia elétrica, no entanto nem todas as comunidades a rede é trifásica. A empresa responsável pela maior parte do fornecimento da energia é a RGE, e em menor proporção a empresa CERFOX. As estradas de acesso às comunidades e as das propriedades estão em bom estado de conservação.

O município de Ilópolis possui uma sucursal de rádio AM que leva ao ar diariamente informações e notícias. Três jornais da região editam notícias e informações do município. Possui cobertura de telefonia móvel em aproximadamente 80% de seu território e telefonia fixa na área urbana, e em 2 comunidades. Em relação à internet, podemos afirmar que a mesma é disponibilizada via telefone ou rádio, que o sinal na área urbana é bom, já na rural, nem todas as propriedades tem acesso, devido a topografia do município ser muito acidentada.

Existem diversos pontos turísticos, entre os quais destacam-se: a Cascata da Baleia, o Museu do Pão, o Santuário São Paulo Apóstolo, no qual está a Capela de São João Paulo II com a imagem do Santo e defronte ao Santuário existem as imagens dos Apóstolos em tamanho natural. Na Praça Itália encontra-se o monumento do Leão de São Marcos, o Quiosque com produtos e informações, ao lado do Centro Administrativo. No Parque do Ibama, local da 44ª Romaria, há uma área de 24 hectares, com Trilha Ecológica, Estação Meteorológica, Banco de Germoplasma, Processo Histórico e Centro Vocacional Tecnológico da erva mate.

HISTÓRICO E COMUNIDADES DA PARÓQUIA DE ILÓPOLIS

Pe. Clécio José Henckes
Pároco Paróquia Santuário São Paulo Apóstolo

Foto: Luiz Antônio Pasinato, arquivo CPT/RS. 2021

O Senhor fez o céu e a terra e viu que tudo era muito bom (Gn1,1-31)!

Estamos preparando a 44ª Romaria da Terra no Rio Grande do Sul! Precisamos nos motivar à participação na organização, na execução e na avaliação, diante dos apelos de Deus e dos clamores do povo por vida digna para todos!

Abordaremos aqui alguns aspectos da história do lugar onde será realizada a 44ª Romaria da Terra no dia 1º de março de 2022, em Ilópolis-RS, Diocese de Santa Cruz do Sul!

A Paróquia Santuário São Paulo Apóstolo do município de Ilópolis localiza-se na região alta do Vale do Taquari, ao norte da Diocese de Santa Cruz do Sul e pertence à comarca eclesiástica de Arvorezinha, da qual participa a Paróquia de Putinga, Anta Gorda, Ilópolis, Arvorezinha, e o Distrito de Itapuca de Anta Gorda.

A Paróquia Santuário São Paulo Apóstolo de Ilópolis, fundada em 1937, tem 84 anos e há 21 foi elevada a Santuário. O município de Ilópolis de 57 anos, tem pouco mais de 4 mil habitantes, sendo a maioria de origem italiana e de tradição religiosa católica, mesmo que haja várias outras denominações pentecostais.

Religiosamente, no início da colonização, o povo andava meio por conta própria. Foi somente em 1921 que o Pe. Hermínio Catelli, então pároco de Anta Gorda rezou a Primeira Missa, no lugar denominado Ilópolis, na residência do senhor José Bozzetto, quando já foi tratada a construção de uma capela. Em 1922, com uma nova Missa, dessa vez campal, foi definido o padroeiro da futura capela, São Paulo, que foi concluída em 1925. Em 1929 a comunidade ilopolitana passou a ser atendida pela paróquia de Itapuca, Anta Gorda, e assim ficou até 17/03/1937, quando foi criada a paróquia São Paulo Apóstolo de Ilópolis, pelo Arcebispo Dom João Becker. O primeiro pároco foi o Pe. Guilherme J. Maschio. Foi no tempo do Pe. José da Silva Kolling que Ilópolis foi elevada à categoria de Vila e se construiu a atual Igreja Matriz (foto). Em 1998 a Igreja Matriz foi totalmente restaurada e em 2000 foi elevada à condição de Santuário, através de decreto assinado pelo então bispo diocesano, Dom Aloísio Sinésio Bohn e por intenso trabalho de Pe. Eleutério Orsolin. Dizia-se, na época, que é o único Santuário, no mundo, dedicado a São Paulo Apóstolo. Hoje o nome é Paróquia Santuário São Paulo Apóstolo! As principais atividades pastorais são as missas, festas, programas de rádio, reuniões pastorais e administrativas, exéquias, visitas às famílias com a bênção de casa, aconselhamento e direção espiritual, visitas às escolas, grupo de estudos bíblicos, entre outras. As pastorais e serviços em andamento, são: Liturgia, Catequese, Coroinhas, Ministros, Juventude, Cursilho, Pastoral Familiar, Vocações, Apostolado da Oração, além dos serviços de diretorias, grupos de famílias e capelinhas. Temos 33 catequistas, 18 ministros(as) e 18 Comunidades. A Congregação das Irmãs Servas da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem

Maria trabalha no hospital e atua na Liturgia do Santuário. Atualmente, há 8 Irmãs Servas de Maria aqui, mas há 2 Irmãs Scalabrinianas na África do Sul.

Nos eventos religiosos destacam-se os festejos ao padroeiro do município que é São Roque, celebrado no segundo domingo de agosto, sempre no Dia dos Pais e a Festa do Padroeiro do Santuário São Paulo Apóstolo, realizada em 25 de janeiro, data litúrgica da conversão de São Paulo. Também existe, há 11 anos, a Romaria ao Padre Carlos Celeste Dall'Agnol, no primeiro domingo de setembro, com visitação à capela onde está sepultado, no cemitério católico. A Peregrinação ao Santuário São Paulo Apóstolo com Indulgência Plenária é realizada sempre no quarto domingo de outubro. Em cada quarto domingo do mês há uma missa por Cura e Libertação às 15h no Santuário, antecedido por confissões. Também existe atendimento com confissões e aconselhamento nas sextas-feiras.

Em janeiro de 2014 foram inauguradas as imagens dos 12 Apóstolos defronte ao Santuário, feitas em concreto armado, tamanho natural. O Santuário São Paulo Apóstolo guarda, em seu interior, na capela São João Paulo II, uma escultura do mesmo com uma estola e uma casula doadas por esse Papa ainda em vida, que representam verdadeiras relíquias expostas aos fiéis.

Ilópolis é basicamente sustentada pela Agricultura Familiar, com sua base de economia na produção e industrialização da erva-mate. A escolha do local da 44ª Romaria foi também por esse motivo, dando visibilidade e força para a agricultura familiar, local e regional, fortalecendo a cultura e as raízes na erva-mate, matéria prima para o tradicional chimarrão. A erva-mate, como se sabe, é originária da cultura indígena e com a Romaria da Terra se quer dar destaque, além dos agricultores e agricultoras, também aos povos indígenas, à agricultura familiar e à agroecologia como sinais de esperança.

A Paróquia Santuário São Paulo Apóstolo tem muitas lideranças e um trabalho pastoral bonito que com certeza será muito importante na organização e realização da 44ª Romaria da Terra, lembrando que em 2019 a CPT Diocesana realizou nesta Paróquia o 19º Encontro Diocesano de Sementes Crioulas. Também há grupos de produção ecológica, o grupo Amigas da Natureza, a EMATER e o poder público municipal que se somam como parceiros.

Ainda que em meio a notícias tristes, especialmente por causa da pandemia, há sinais de que um novo tempo surge e que ajuda a perceber o contexto de modo diferente. Por causa da pandemia do Coronavirus tivéramos que reaprender a viver em família, dedicar mais tempo para os amigos, ainda que distantes fisicamente, a ver a natureza ferida à volta, uma maior valorização de Deus, amadurecimento da fé, nos lares, Igrejas Domésticas, mesmo com templos fechados. Tudo isso significa não só levar as pessoas para a igreja, mas abrir a Igreja às pessoas!

Bem-vindos irmãs e irmãos! Estaremos esperando a todos e a todas com o abraço da alegria e do tradicional chimarrão! É uma honra para toda nossa região poder sediar essa Romaria! Para nós, a festa já começou!

Foto: Luiz Antônio Pasinato, arquivo CPT/RS. 2021

DIOCESE DE SANTA CRUZ
SUA HISTÓRIA E CAMINHADA PASTORAL

Pe. Roque Hammes
Coordenação de Pastoral da Diocese de Santa Cruz do Sul

**“Cada coisa tem seu tempo neste mundo
Seu momento e sua hora
Tem as coisas de amanhã, tem as de ontem
E outras coisas tem que ser tempo de agora” (Pe. Zezinho).**

Foto: Arquivo Diocese de Santa Cruz do Sul

Pré-história da Diocese

A fé cristã chegou na região através dos padres jesuítas que, em 1633 e 1634, fundaram as reduções “Jesus-Maria”, “São Cristóvão” e “São Joaquim” nos atuais municípios de Candelária e Rio Pardo. Foi aprofundada com os capelães militares e os colonizadores portugueses e açorianos no século XVIII, sendo que, em 1762, foi criada a paróquia Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo. Foi também nesta época que a comunidade Quilombola Rincão dos Negros de Rio Pardo, edificou uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, onde 87 escravos alforriados firmaram a fé católica. Vale destacar que, muito do catolicismo popular tem sua origem nas senzalas e nos quilombos, onde os negros vindos da África, proibidos de cultuarem os seus deuses, deram asas ao sincretismo e promoveram um catolicismo mais popular.

A partir de 1849, com a chegada dos imigrantes alemães para Santa Cruz do Sul, a evangelização ganhou novos contornos com o estabelecimento de comunidades e a realização de cultos e celebrações regulares aos domingos. Conforme Albino Zagonel (Igreja e imigração italiana, p. 34), as comunidades católicas alemães se organizaram em quatro esteios: a família – a escola particular – a comunidade paroquial – a imprensa católica.

Em 1882 chegaram os imigrantes italianos para Encantado. Desde cedo se organizavam “para a construção de capelas onde pudessem cantar suas devoções e reunir-se para comunicar os feitos e peripécias da semana” (Zagonel, p. 43).

Em 1890 começaram a chegar os imigrantes poloneses para Dom Feliciano. “Depois de construírem as casinhas de madeira, trataram de erguer uma escolinha para a instrução de seus filhos. Ao lado da escolinha apressavam-se a construir a capela da comunidade, que era garantia de manutenção da fé do povo” (Alberto Stawinski. In: Teocomunicação, agosto de 1977).

Na medida em que os imigrantes foram chegando, também vieram os padres missionários alemães, italianos e poloneses. O primeiro padre alemão, conforme Dom Zeno Hastenteufel, foi um tal de Pe. Traube que esteve lotado na paróquia de Rio Pardo. Em 1863, os padres jesuítas assumiram a paróquia São João Batista de Santa Cruz do Sul, sendo que o 1º pároco foi o Pe. Jose Stuer. Os imigrantes italianos de Encantado foram atendidos, originariamente, pelos padres de Estrela, mas em 1896 assumiu o Pe. Domênico de Vicentini (Scalabriniano). Em Dom Feliciano aportou, em 1891, o polonês Pe. Marcinian Modrzejewky.

História da Diocese

A história da Diocese de Santa Cruz do Sul começou em 1959. Foi marcada pelo carisma dos bispos e pela dedicação de muitos padres, religiosos e lideranças leigas. Avançou em meio a dificuldades, perseguições,

Foto: Arquivo Diocese Santa Cruz do Sul - RS

incentivos e conquistas. Com o conjunto da população, enfrentou o medo ao comunismo em 1964 e sofreu com a censura imposta pelo regime militar. Assimilou as mudanças propostas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II e abraçou a encarnação proposta pela Conferência dos Bispos da América Latina em Medellin, em 1968. Titubeou em meio aos avanços científicos e tecnológicos, muitas vezes sem clareza sobre o caminho a ser percorrido. Por vezes sucumbiu à tentação de propor uma fé desencarnada e outras vezes se deixou levar por um ativismo sem espírito. Em alguns momentos se apresentou como a dona da verdade e, em outros momentos deixou de dizer a sua palavra diante de desmandos contra a população. Colaborou com a educação do povo e a organização de sindicatos. Apoiou movimentos populares e organizou comunidades. Zelou pela fé e promoveu a formação religiosa de crianças, jovens e adultos. Muito colaborou na formação de lideranças para as diversas áreas da sociedade.

A proliferação de novos grupos religiosos e o espírito da Nova Era, porém, provocaram a debandada de muitos fiéis. As pessoas sentem dificuldade em dar as razões da sua fé. A confusão gerada através dos novos meios de comunicação social traz incertezas e provoca dúvidas. As programações sociais não deixam mais tempo para as pessoas atenderem aos compromissos religiosos. Onde vamos nos apoiar?

Tem as coisas de amanhã

Em 2016, na 12ª Assembleia Diocesana de Pastoral, apareceu a preocupação com a transmissão do evangelho para as novas gerações. Foi aí que, no espírito da Conferência dos Bispos da América Latina em Aparecida e das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, a Diocese assumiu a Iniciação à Vida Cristã na perspectiva de uma Igreja Samaritana. Decidiu-se que os próximos anos serão dedicados aos sacramentos do Batismo, Eucaristia e Crisma, com o intuito de propor novos caminhos para a Evangelização, em base ao catecumenato na Igreja primitiva. Assim, o ano de 2018 foi dedicado ao estudo e aprofundamento do Sacramento do Batismo, sendo que em abril de 2019 foram lançadas as Diretrizes do Batismo e publicado o Manual para Catequistas do Batismo de Crianças. Em 2019 foi aprofundado o Sacramento da Eucaristia que resultou na publicação das Diretrizes da Eucaristia em junho de 2020. Em 2020, a Diocese foi forçada a se adaptar à nova realidade devida a pandemia do coronavírus. Com limitações, durante o ano se refletiu sobre o Sacramento da Confirmação, sendo que as Diretrizes foram aprovadas em junho de 2021. A 44ª Romaria da Terra que era para ter acontecida em 2021 foi adiada para 2022. O mesmo aconteceu com a Assembleia Diocesana de Pastoral que estava marcada para novembro de 2020 e foi adiada para novembro de 2021.

A pandemia do coronavírus vitimou muitas lideranças e alterou a rotina das comunidades. Precisamos nos questionar sobre os novos desafios que a pandemia nos apresenta para levar em frente a evangelização do povo da região. Como apoio, temos os escritos do Papa Francisco e as publicações da CNBB, além, é lógico, dos novos sinais dos tempos. Parodiando a música do Pe. Zezinho, dizemos: “São as coisas de agora, inspiradas nas coisas de ontem, com o objetivo de garantir as coisas de amanhã”.

Asdisc: Ação Social Diocesana de Santa Cruz do Sul: Presente!!

Frei Albano Roberto Bohn
Presidente da Asdisc

Foto: Arquivo Diocese Santa Cruz do Sul - RS

Nada agradável quando nos julgamos como descobridores do Brasil por nos sentimos senhores em determinado assunto. Primeiro porque o Brasil não foi descoberto, mas começou a roubalheira que até hoje continua. Isso acontece para quem se considera acima das demais pessoas ou grupos. Na realidade a história da humanidade em tudo que é canto do mundo dá passos, às vezes lentos, mas, também às vezes surpreendentes.

Só essa afirmação inicial já nos remete à história de cada grupo e, porque não, para embasar a própria história com o desejo levar adiante a inspiração inicial. Sim, nossos grupos precisam não perder a inspiração primeira, dar passos e não ficar na mesmice.

Como integrantes de causas comuns e/ou de cunho social recebe importância impar a função dos seus responsáveis. Como é bonito ver pessoas do alto escalão da Igreja sendo capazes de caminhar com seu povo não só em celebrações litúrgicas internas, mas também lá onde seu povo se organiza na defesa de seus direitos em caminhadas, romaria e concentrações as mais diversas na busca por melhores condições de vida, na busca de direitos fundamentais à vida digna. São essas as posturas que encorajam o povo para não só não desanimar, mas encorajados a seguir.

A Igreja católica do Rio Grande do Sul já pela quadragésima quarta vez promove e vai realizar a Romaria da Terra. Nossa Diocese de Santa Cruz do Sul tem bonita história de presença e participação e mais uma vez vai sediar essa Romaria, agora em Ilópolis. Nossos bispos sempre tiveram e tem enorme interesse e envolvimento em causas sociais, especialmente quando ligadas a defesa da terra, produção de alimentos saudáveis a partir de sementes crioulas e adubação orgânica. Assim, como um bom grupo de padres e significativa presença de leigos, tanto adultos como jovens.

Destaco, sim, o grupo de lideranças da Ação Social Diocesana de Santa Cruz do Sul – Asdisc. Com a bandeira da Agroecologia temos uma história de significativa participação nas Romarias da Terra desde antes dos anos 90. A participação tanto do grupo de suas lideranças como demais simpatizantes da causa serviram de motivação para que se firmasse em nossa diocese a Escola de Jovens Rurais – EJR, que mantém um jornal denominado Pé na Terra, os Encontros Diocesanos de Sementes Crioulas e acompanhamento a vários grupos indígenas, quilombolas e, ainda, grupos de agricultores diversos. Através de duas Escolas que incorporamos em nossa instituição a pedido da Mitra desde o ano 2000, acompanhamos grupos de pais e mães de alunos em políticas públicas com atividades na agricultura como, também, associações nas cidades tanto de Vera Cruz como Candelária. Todas essas atividades tem a inspiração da Agroecologia, semente crioulas e adubação orgânica. Todo esse conjunto de setores com suas lideranças escolheu e assumiu a mística que vem inspirada por textos bíblicos: Gn 1, 26-31, Is 65, 11-25, Mt 25, 31-46 e At 2,46-47. Desejo boa leitura.

6ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA
MUTIRÃO PELA VIDA: POR TERRA, TETO E TRABALHO

Roseli Pereira Dias
Assessora da Cáritas RS e da Coordenação da 6ª SSB no RS

O Papa Francisco, ao longo de sua jornada e luta cotidiana em defesa da vida, vem alertando sobre a fome e apontando as suas causas: "Este sistema já não se consegue aguentar. Temos de mudá-lo, temos de voltar a levar a dignidade humana para o centro: que sobre esse pilar se construam as estruturas sociais alternativas de que precisamos". E afirma que a luta dos pobres por Terra, Teto e Trabalho é absolutamente digna porque "são direitos sagrados" e que lutar por estes direitos não deve ser olhado com estranheza porque "é a Doutrina Social da Igreja".

Neste espírito é que a CNBB lançou, em 2020, a 6ª Semana Social Brasileira (6ª SSB) com a chamada "Mutirão pela vida: por terra, teto e trabalho". Entretanto a pandemia da Covid19 impôs mudanças importantes: os "mutirões" de reflexão - que seriam presenciais em paróquias, comunidades, dioceses, regionais da CNBB bem como em nível nacional - ficaram impossibilitados de ocorrer. Por isto, enfrentando os desafios impostos pela pandemia, a realização da 6ªSSB está sendo impulsionada, especialmente, no âmbito virtual, em todo o Brasil.

Aqui em nosso estado, a 6ª SSB está sendo dinamizada pela Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Social Transformadora/ SUL3, que tem à sua frente D. Sílvio Guterres Dutra, sendo que no final do ano passado se constituiu a coordenação estadual, composta por integrantes da Comissão Episcopal, representantes das províncias eclesiásticas, das Pastorais Sociais e de Movimentos Sociais (MST, MMC, CUT, Grito Continental, MAB). Ainda em 2020 foram realizadas três atividades para impulsionar a Semana Social, aprofundando o direito à terra e ao território – em 07/10; o direito ao trabalho - 07/11 e o direito ao teto – em 07/12. Todas as atividades contaram com a participação de pesquisadores especialistas no assunto; com representantes dos movimentos sociais e com depoimentos de pessoas e comunidades afetadas pelas problemáticas debatidas. Estas atividades deram sequência ao grito dos excluídos, realizado no dia 7 de setembro. Na caminhada de organização da Semana Social também realizamos encontros com as 4 Províncias Eclesiásticas do RS os quais contribuíram para mobilizar as dioceses na organização da 6ª SSB em âmbito local, de acordo com sua realidade. A coordenação estadual da 6ª SSB, por sua vez, criou grupos de trabalho para dinamizar as tarefas de proposição de conteúdo, sistematização e comunicação que, entre outras tarefas, produziu um "folder da Semana Social do RS".

Em abril deste ano, considerando o cenário de crise política, econômica e social, ampliadas com a permanência da pandemia e o agravamento da fome como uma de suas consequências mais cruéis, a 6ª SSB realizou a "live" - "MUTIRÃO CONTRA A FOME: INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA". Esta atividade que teve por objetivo aprofundar o debate sobre as causas da fome e sensibilizar para a solidariedade desencadeou algumas ações entre as quais: a elaboração de um manifesto público contra a fome e a realização de uma semana de ativismo de 25 a 31 de maio encerrando com a celebração do Corpus Christi. Além destas atividades desencadeará uma série de outras atividades para seguir aprofundando os temas propostos pelo Papa Francisco que pediu a todos nós: "Digamos juntos, de coração: NENHUMA FAMÍLIA SEM CASA, NENHUM CAMPONÊS SEM-TERRA, NENHUM TRABALHADOR SEM DIREITOS, NENHUMA PESSOA SEM A DIGNIDADE QUE O TRABALHO DÁ!"

Cada um de nós pode contribuir ajudando a divulgar as atividades e participando das mesmas além de divulgar os materiais de reflexão produzidos pela coordenação. Acompanhe a divulgação das atividades na página de CNBB SUL 3: https://cnbbsul3.org.br.

AS ROMARIAS DA TERRA DO RS: MEMÓRIA E TEOLOGIA DE UM POVO LUTADOR

Frei Wilson Dalagnol
Agente da Comissão Pastoral da Terra

1. Uma memória histórica subversiva

"Romeiros da Terra, que deixam seus lares, juntando bagagens, carregam seus sonhos, em procissão" (Antônio Gringo – artista popular). Somos parte de um Povo que luta e faz história. Olhar para as 44 Romarias da Terra é ser capaz de fazer memória de um evento que já alcançou uma maturidade indiscutível. Ela nasce do "ventre" de um País e de um estado marcados pela ditadura militar. Eram suprimidos os direitos de liberdade e o estado de direito. Hoje, a ditadura continua de forma muito disfarçada e velada. Os direitos históricos dos povos indígenas e negros, as conquistas trabalhistas e previdenciárias dos pequenos agricultores, depois de um período de conquistas, estão sendo atacados e suprimidos. A Reforma Agrária, grande sonho e luta dos Sem Terra, não anda. É lastimável, mas o Povo de Deus está em luta permanente e não desiste.

Neste contexto, o Povo de Deus se reúne, insurge-se contra as armas, os tanques, os golpes. O grito e o clamor de Sepé Tiaraju sempre ecoará pelo Rio Grande, não como um "mito", nem como uma lenda, mas como um mártir coletivo, um santo, com toda a causa e a luta dos povos oprimidos.

Somos a memória, a rebeldia, a profecia... DA TERRA SEM MALES! Somos o grito dos mártires da TERRA, do TETO e do TRABALHO. Lutaremos continuamente por VIDA DIGNA, SALÁRIO JUSTO, CUIDADO DA CASA COMUM, AGROECOLOGIA, SEMENTES CRIOULAS... Somos o grito do Acampamento da Juventude, que surge das barracas e das caminhadas, silenciados de forma autoritária, sem diálogo, por mentes moralistas.

Onde o Povo de Deus clama por justiça, eis aí o nosso santuário! Onde as iniciativas populares geram vida, onde as causas são comuns, onde a vida é comunitária e cooperativa teima em subsistir, eis-nos aí! Nossas causas são muitas: quilombolas, indígenas, Sem Terra, Jovem da roça e da cidade, mulher camponesa e urbana, agricultores ecologistas...! Somos rebeldes contra todas as cercas da injustiça e da supressão de direitos, contra a manipulação do Deus que quer a vida de seu Povo.

"Queremos terra na terra, já temos terra no céu!" Eis os nossos santuários dos 44 anos de Romarias Terra no RS:

- A causa indígena: O Santuário de São Sepé Tiaraju – 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 12ª, 15ª e 39ª.
- A causa agrária: O Santuário de Rôse - 5ª, 9ª, 17ª, 25ª, 29ª, 34ª, 37ª e 40ª.
- A causa da juventude camponesa: O santuário de Elton Brum da Silva - 8ª e 31ª.
- A causa dos atingidos pelas barragens: O santuário de Nicinha – 6ª e 10ª .
- A causa quilombola: O santuário de Zumbi dos Palmares – 11ª e 33ª.
- A causa urbana: O santuário de Santo Operário – 7ª.
- A causa da agricultura familiar: O santuário de Margarida Alves - 13ª, 14ª, 16ª, 18ª, 19ª, 21ª, 22ª, 23ª, 24ª, 28ª, 35ª e 38ª e 42ª .
- A causa da mulher: o Santuário do Movimento de Mulheres Camponesas - 41ª
- A causa ecológica: O santuário de Chico Mendes – 20ª, 26ª, 27ª, 30ª, 32ª, 36ª e 44ª.

2. Uma Teologia da Terra – Deus é nossa força!

Foto: NF Audiovisuais, 38ª RT, David Canabarro, 17/02/15

Temos consciência que somos o Povo de Deus. O Deus dos pobres é que nos dá a credibilidade de lutar pela vida e pelos direitos básicos de uma vida digna. O "sentir coletivo" de todos os sofredores da Terra não é indiferente ao Deus que nós cremos. Quem é Povo, pertence organicamente a ele e tem um coração sensível, é capaz de assumir "os preferidos de Deus", os pobres da terra, como os verdadeiros sujeitos históricos da construção da sociedade. A Romaria da Terra é um evento significativo e intenso do Povo de Deus, a partir de um contexto e de uma manifestação concreta, onde se verifica a presença dos principais elementos da vida eclesial: a experiência profunda de fé do povo simples e pobre, os Sinais dos Tempos (novos lugares teológicos), a Igreja local, com sua história, o sentire cum Ecclesia (sentir com a Igreja) da base, a liturgia como "lugare" da manifestação da fé do Povo de Deus e um "lugar privilegiado" de expressão do sensus fidelium (sentir comum dos fiéis crentes).

A Romaria da Terra é uma expressão pontual e contextual do Povo de Deus, numa Igreja ecumênica, onde a terra e o seu Criador, se tornam o centro das atenções e onde a vida humana é vista a partir da Sagrada Escritura, da Sagrada Tradição e do Ensino Social da Igreja. Trata-se de um fato social,, político e eclesial onde o Povo de Deus se encontra para fazer sua caminhada penitencial, partilhar a vida, denunciar a injusta concentração da terra, comemorar suas conquistas, celebrar a presença de Deus na sua caminhada, exigir os seus direitos, convidar toda a Igreja e as pessoas de boa vontade para a unidade em torno dos projetos de vida. A Romaria da Terra é uma ressonância dos anseios profundos dos pobres, bem como espaço privilegiado onde a Pastoral da Terra, como pastoral popular da Igreja, divulga o querer de Deus no que diz respeito à terra e a partilha dos bens da criação.

A Romaria da Terra unifica fé cristã (Mística) e o desejo de luta do povo (Política), por uma convivência mais fraterna e humana. É a Romaria dos pequenos e excluídos da sociedade. Os pobres da terra podem dizer, neste espaço, o que sentem, numa linguagem que é sua. A vida, a luta e a busca de dignidade são as marcas características. O Povo encontra na Romaria da Terra o sentido e o desejo de continuar lutando, se associando, celebrando num jeito vivo de ser Igreja. Hoje, no RS e no Brasil, a Romaria da Terra é um fato histórico indispensável na agenda de todo o militante popular.

Nossa fé cristã tem uma incidência social e política. É sempre a mesma fé da Igreja – Povo de Deus, crida desde sempre, por todos e todo lugar. Mas aqui ganha maior acento o caráter profético da fé cristã, onde está o "grito" em favor da justiça, da paz e da fraternidade. O sujeito histórico é o Povo de Deus, guiado por seus pastores, que caminham junto e ao lado do povo sofrido e oprimido.

O sentido da Romaria da Terra é os pobres da terra podem dizer, neste espaço, o que sentem, numa linguagem que é sua. A Terra é um bem natural, que pertence a todos. Ela não foi dada a ninguém, mas tão somente emprestada por Deus, para que pudéssemos viver o pequeno espaço de tempo da nossa passagem por esta vida. Portanto, se é um bem emprestado, como bons inquilinos, não podemos devolvê-lo estragado.

A Romaria da Terra do RS acontece na terça-feira de carnaval. No dia 7 de fevereiro de 1756, terça-feira de carnaval, os invasores espanhóis e portugueses mataram São Sepé Tiaraju e 1.500 índios, terminando a República Cristã dos Guaranis, que batizou todas estas terras do Sul. A cada ano, os romeiros da terra fazem ecoar o grito de Sepé: "Alto lá, esta terra tem dono. Nós a recebemos de Deus e só Ele nos pode tirar". A Romaria da Terra faz parte da

agenda do militante popular desde 7 de fevereiro de 1978. Os índios inspiram os pequenos do campo e da cidade a se organizarem e lutarem pela terra. A partir desta Romaria da Terra, consolidou-se seu caráter regional e seu reconhecimento pelas Igrejas e pela sociedade, fortificando as lutas do povo sofrido.

"Arrancaram nossos frutos; cortaram nossos galhos; queimaram nosso tronco; mas não puderam matar nossas raízes" (Popol Vuh). A espiritualidade e a mística da Romaria da terra estão marcadas pelo amor à terra e aos que nela trabalham para viver dignamente. Estamos diante de uma pessoa seguidora de Jesus Cristo, comprometida, engajada, inserida nas ações concretas do povo, participando ativamente da comunidade eclesial, nos seus serviços internos e também num engajamento externo, como sindicatos, movimentos sociais populares, partidos políticos, cooperativas, associações... É alguém envolvida nas "coisas do povo" e nas práticas de libertação. Sabe orientar-se na sua Igreja particular (comunidade eclesial, Paróquia, Diocese) e no Ensino Social da Igreja. "A dupla aspiração - à igualdade e à participação -

Foto: NF Audiovisuais, 37 ª RT, Assent. Lagoa do Junco, Tapes, 04/03/14

procura promover um tipo de sociedade democrática... O cristão tem o dever de participar também ele nesta busca diligente, na organização e na vida da sociedade política" (Paulo VI, OA 24). Está consciente que "a ação política deve ter como base de sustentação um esquema de sociedade, coerente nos meios concretos que escolhe e na sua inspiração, a qual deve alimentar-se numa concepção plena da vocação do homem e das suas diferentes expressões sociais" (Paulo VII, OA 25).

A prova mais contundente da espiritualidade, utopia e mística dos homens e mulheres da terra é o sangue de nossos mártires. A promoção da vida e a sua defesa até as últimas consequências nos faz lutar até a entrega da própria vida. Os agentes da Comissão Pastoral da Terra precisam constantemente desenvolver a mística do amor à vida, do respeito ao outro, do amor ao inimigo, da solidariedade, da auto entrega (doação), do serviço...

Por que alguém se coloca em Romaria pela terra? Na grande tradição das Romarias da Terra, encontram-se os 10 mandamentos do Romeiro da Terra:

1) Na terra onde os trabalhadores são expulsos, Deus é expulso também;
2) A riqueza dos pobres está na união e na luta pelos seus direitos;
3) Deus não tem parte com quem não reparte;
4) Quem não vive para servir não serve para viver (cf. Mc 10, 45);
5) Queremos terra na terra, já temos terra no céu;
6) O mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor;
7) Cada um de nós é um profeta;
8) Só há Igreja viva onde há comunidade;
9) Só há Igreja viva onde se luta pela justiça;
10) Para Deus o homem e a mulher são iguais.

ROMARIAS DA TERRA NO RS (1978-2022)

1ª	07/02/78	Caiboaté - São Gabriel	400	A salvação do índio está na consciência do branco
2ª	27/02/79	Vila Tiarajú - São Gabriel	3.000	Justiça para todos - vamos salvar a Mãe Terra
3ª	19/02/80	Vila Tiarajú - São Gabriel	5.000	Alto lá, esta terra tem dono!
4ª	03/03/81	São Miguel das Missões	12.000	Saúde para todos
5ª	23/02/82	Encruzilhada Natalino	33.000	Povo unido jamais será vencido
6ª	15/02/83	Carlos Gomes	40.000	Água para a vida, não para a morte
7ª	06/03/84	V. Santo Operário - Canoas	50.000	Terra e trabalho para que todos tenham vida
8ª	19/02/85	Tenente Portela	70.000	Os jovens e os Sem Terra em busca de pão e vida
9ª	11/02/86	Fazenda Annoni - Sarandi	60.000	Terra de Deus, terra de irmãos
10ª	03/03/87	Itaíba - Ibirubá	35.000	Terra repartida, vida garantida
11ª	16/02/88	Pelotas	20.000	Ouvi o clamor deste povo
12ª	07/02/89	Caiboté	60.000	Terra repartida, vida garantida
13ª	27/02/90	Erveiras	40.000	Povo que luta defende a vida
14ª	12/02/91	Ibiraiaras	35.000	Das mãos do trabalhador, vida, luta e dignidade
15ª	03/03/92	Hulha Negra	25.000	Terra cultivada, caminho para a vida
16ª	23/02/93	Constantina	35.000	Organizando produção, semeamos libertação
17ª	15/02/94	Santo Antônio das Missões	20.000	Na solidariedade fazemos nossa a integração
18ª	28/02/95	Caravágio, Getúlio Vargas	38.000	Terra e organização, menos fome na população
19ª	20/02/96	Santa Rosa	31.000	Povo organizado constrói um novo Estado
20ª	11/02/97	São Roque, Antônio Prado	28.000	Vida na terra, terra da vida
21ª	24/02/98	Ivorá	25.000	Agric. familiar: resistência e alternativa para o Brasil
22ª	16/02/99	Assentamento Ceres, Jóia	26.000	Agric. familiar: trabalho, organização e conquista
23ª	07/03/00	Casca	30.000	Agric. familiar: esperança, luta e desenvolvimento
24ª	27/02/01	Jaboticaba	31.000	Agric. familiar: cooperação, vida e justiça social
25ª	12/02/02	Bom Conselho, Sananduva	31.000	Jubileu de fé na luta por uma Terra Sem Males
26ª	04/03/03	Faxinal - Canguçú	20.000	Terra - água - alimento para a vida
27ª	24/02/04	Entre Rios do Sul	25.000	Água viva - vida na terra
28ª	08/02/05	Cruzeiro do Sul	20.000	Nossas sementes, nossas raízes, nossa vida
29ª	28/02/06	Lagoa Bonita do Sul	15.000	A função social da propriedade
30ª	20/02/07	São Francisco de Assis	15.000	Preservar terra e água: garantia de vida
31ª	05/02/08	Três Passos	15.000	Juventude: luta e resistência em defesa da vida
32ª	24/02/09	Sapucaia do Sul	15.000	Água - sangue da Terra
33ª	16/02/10	Santa Maria	12.500	Quilombos: terra, trabalho e inclusão
34ª	08/03/11	Assent. Roça Nova, Candiota	12.000	Do clamor da terra, a esperança da vida
35ª	21/02/12	Santo Cristo	15.000	Agric. Familiar Camponesa: vida com saúde
36ª	12/02/13	Bento Gonçalves	12.000	Terra, vida e cidadania
37ª	04/03/14	Assent. Lagoa do Junco, Tapes	9.000	Reforma Agrária, cooperação e agroecologia
38ª	17/02/15	David Canabarro	8.000	Sucessão rural familiar, políticas públicas e sust. social
39ª	09/02/16	São Gabriel	10.000	Cuidar da terra, casa comum
40ª	28/02/17	Fazenda Annoni, Pontão	10.000	Terra de Deus, terra de irmãos
41ª	28/02/18	Mampituba	8.000	Mulheres Terra - resistência, cuidado e diversidade
42ª	05/03/19	Assent. Conquista da Luta, Itacurubi	8.000	Alimentação Saudável - identidade, resistência e dirieto
43ª	25/02/20	Mormaço	10.000	O bem viver no campo e na cidade
44ª	01/03/22	Ilópolis		Agricultura Familiar e Agroecologia: Sinais de Esperança

AGROECOLOGIA, AGROTÓXICOS E A DOENÇA DO CACHORRO LOUCO

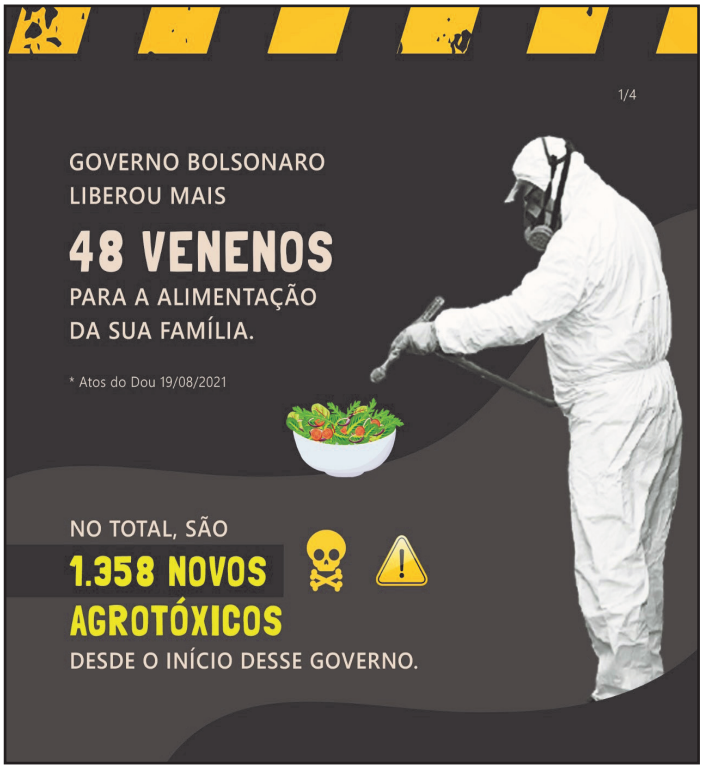
Leonardo Melgarejo
Engenheiro Agrônomo e membro do Grupo de Estudos em Agrobiodiversidade (GEA),

Foto: Luiz Antonio Pasinato, arquivo CPT/RS

Como todos sabemos, ainda que o mistério disso vá além do que compreendemos, existem relações de parentesco entre todos os animais e inclusive destes, com os vegetais. No caso dos mamíferos é mais simples de perceber. Basta olhar um cachorro dormindo para entender que ali ele alcança dimensões que muitos pensam ser exclusivas dos humanos. Os cachorros sonham. Como nós. Dormindo, eles resmungam, mexem as pernas, percorrem universos imaginários. O que nos autoriza assumir que não aconteceria algo parecido, em intensidade diferente, com os insetos ou com as plantas? Sabemos que os insetos escolhem as plantas que atacam (http://aspta.org.br/article/aplicacao-da-teoria-da-trofobiose-no-controle-de-pragas-e-doencas-uma-experiencia-na-serra-gaucha/) e que as árvores sentem o que o que acontece em volta delas, e se comunicam a respeito disso (https://www.youtube.com/watch?v=DBRg-2N3sMI). E sabemos que perdemos a capacidade de perceber o valor destas conexões, com nosso afastamento da natureza. Por isso, em nossa ignorância usamos venenos para destruir ligações que são fundamentais para nossa saúde física e mental. Desta forma ligações que a vida estabelece, como esta dos sonhos, que percebemos facilmente nos humanos e nos cachorros, e que os índios interpretam como de conexões com os espíritos, vão ficando mais e mais fora do nosso alcance e compreensão. Se trata de sabedorias perdidas, ou ainda não descobertas, que por isso descartamos supondo que não seriam reais. Mas no caso de nossa conexão profunda com os cães, ninguém tem dúvidas. Eles com frequência "adivinham" o que pensamos, como por vezes nós fazemos com pessoas muito próximas. Talvez pela convivência, pelo afeto historicamente construído, pelo acompanhamento, e pela compreensão mútua, desenvolvemos facilmente amor pelos cães, e ódio, medo ou indiferença, por outros seres. Não importam, aqui, as razões. Quem tem ou teve um cachorro como amigo, sabe do que estou falando. Eles oferecem amor e compromisso incondicional, em troca de nada. E isso só mudará se o cachorro enlouquecer. Um cachorro "louco" se transforma em outro animal.

A hidrofobia (a "raiva") é uma zoonose (virose que pode afetar todos os mamíferos, inclusive os humanos) que se transmite por contato com a saliva, as fezes, o sangue, a urina ou até mesmo por meio da lambida carinhosa de um animal infectado (Hidrofobia (raiva) - Mundo Educação (uol.com.br)) . A Covid-19, a gripe aviária e a peste suína também são algumas das muitas zoonoses que confirmam nosso parentesco com outros animais. Doenças que compartilhamos, e que podem ser evitadas, com isolamento e com vacinas, que também podem levar à morte e que não têm "cura", no sentido tradicional de que (depois de infectado) bastaria tomar um remédio para se livrar do problema. As viroses são prevenidas com cuidados pessoais, isolamento e vacinas. Não são (e provavelmente nunca serão) "curadas" com remédios. Mas elas podem ser

Foto: Campanha contra Agrotóxicos
https://contraosagrotoxicos.org/



evitadas ou podem ser minimizadas em termos de seu impacto, reforçando as defesas do organismo atacado. E este reforço se dará pelo fortalecimento dos indivíduos, através de vida saudável, com alimentação adequada, com ou sem reforços de fármacos, mas sempre visando colaborar com o funcionamento do organismo atacado.

Mas vamos voltar para a doença do cachorro louco, a raiva. Ela decorre de distúrbios no sistema nervoso central do animal. Provocados por um vírus, estes distúrbios, que ameaçam a todos os mamíferos tiverem contato com um animal doente, podem ser evitados com vacinas. Então, vacinações em massa, dos cães e gatos, protegem os inclusive os humanos de alterações que se expressam através de evolução da agressividade, do medo, da ansiedade e que levam a uma depressão profunda, que evolui para a loucura e a morte. Vejam que na base do problema estão os impactos sobre o sistema nervoso central. Temos ali uma progressão de alterações que levam a desvios no comportamento animal. Eles se isola, rompe com todas as parcerias, ataca quem se aproxima para ajudar e acaba perdendo a possibilidade de amar o próprio dono. E é sobre isso que pretendemos refletir, lembrando que somos aparentados e que no limite de cada animal, todos são regidos por um sistema nervoso central. Quem ainda não viu sintomas parecidos com aqueles apresentados pelos cães raivosos, em pessoas que sequer foram contaminadas pela hidrofobia? É ou não é verdade que a agressividade, o medo, a ansiedade e a depressão exageradas têm sido cada vez mais comuns em nosso meio?

Nos humanos, como em todos os animais, danos sobre o sistema nervoso levam a alterações comportamentais. E nesta explicação é secundário o fato destas alterações serem causadas por doenças, por estresses ou por contaminações químicas asseguradas pelos alimentos que comemos, pelas águas que bebemos ou pelos trabalhos que realizamos. Percebe-se que entre alguns humanos com o sistema nervoso avariado por agrotóxicos, diferentemente do que ocorre com os cachorros atacados pela raiva, surgem tendências ao suicídio.

E, hoje, sabemos que o medo, a ansiedade, a depressão e os suicídios são crescentes no meio rural. E aí está a ligação das frases anteriores com nosso tema. Existem estudos mostrando que mais e mais pessoas estão se suicidando no meio rural, e que isso parece relacionado ao uso de agrotóxicos (Liberação de agrotóxicos pode agravar taxas de suicídio no meio rural (redebrasilatual.com.br). Embora no suicídio se encerre o limite destes dramas individuais, seus sintomas iniciais são terríveis o suficiente para infernizar a vida das famílias, traumatizando amigos, filhos e vizinhos. Quem viveu, sabe o horror que ali se encerra. Um cachorro louco, é sempre sacrificado. Mas uma pessoa "endoidecida", por calma e pacifica que seja, sacrifica os outros.

E esta é apenas uma imagem para ilustrar a complexidade e a universalidade dos dramas relacionados ao uso de agrotóxicos. A lista inclui vários tipos de câncer, paralisias, cegueiras, alterações reprodutivas e hormonais, fraquezas, tonturas, dores de cabeça, debilitações permanentes e mortes (:: Dossiê Abrasco – Os impactos dos Agrotóxicos na Saúde ::). É claro que os agricultores são mais ameaçados até porque vivem nas regiões onde é maior o uso de agrotóxicos, e onde os problemas crescem de forma mais grave. Alguns estudos que mostram que há agrotóxico fluindo das mães, no amor da amamentação ao peito, para seus bebês. Mas estes venenos circulam por meio dos

fluxos de água, dos alimentos, do ar e da chuva. E no Brasil se usa perto de um bilhão de litros de agrotóxicos por ano, de modo que ninguém –das cidades ou dos campos- está livre dos riscos. Estes venenos são produtos de síntese química. Moléculas que na maioria dos casos não existem na natureza. Os organismos não sabem disso e sempre que têm contato com elas, procuram dar um "uso" para aquelas substâncias. Os agrotóxicos são encaminhados para os sistemas digestivo, circulatório, imunológico, reprodutivo, nervoso, etc. E ali provocam distorções em operações vitais. Alterações nos processos de sinalização bioquímica, de divisão celular, de comunicação nervosa, de percepção, e de reações metabólicas necessárias à ativação ou interrupção de mecanismos biológicos. Isto induz a desequilíbrios e desencaminhamentos progressivos não raro sem possibilidade de retorno. Tomamos conhecimento de apenas dois casos de intoxicação com agrotóxicos, em cada 100 ocorrências. As intoxicações agudas, aquelas que percebemos de pronto, são raras em relação aos casos sorrateiros, insidiosos, que comprometem dimensões essenciais para a sociedade humana, no plano da saúde, do amor, dos sonhos e da afetividade. Por trás disso está a traição. A desumanidade com que pessoas a serviço dos interesses econômicos que lucram com os venenos, atuam para nos iludir, ocultando o mal que os agrotóxicos trazem para nossas vidas.

Vejam um fato triste: em todas as análises de água considerada adequada para o consumo humano têm sido encontrados resíduos destes venenos. Em muitos casos, de dezenas de tipos de venenos. O que pensar da água que circula nos corpos, que a filtram para nutrir os sistemas metabólicos? Ou da água que circula nos rios e alimenta os lagos e os aquíferos, onde beberão nossos bisnetos?

E o que pensar dos governos, dos senadores, deputados, vereadores, prefeitos e juízes que deveriam zelar pela democracia, pela justiça e pelo respeito à lei, pela defesa dos direitos e necessidades humanas, ameaçadas pelos agrotóxicos? Bom, sempre esperamos que eles não de deixem capturar por interesses que comprometem o presente e o futuro de todos nós. Mas com frequência nos decepcionamos. No governo Bolsonaro já foram aprovados 1229 novos agrotóxicos, com apoio do Senador Heinze. No Governo Leite e com apoio de muitos deputados, avança o vergonhoso PL260/2020. Este PL visa anular uma defesa legal assegurada aos gaúchos pelo voto unânime dos parlamentares que nos representavam, em 1982. A degradação qualitativa de nossos representantes, que podem aprovar este PL, implicará no direcionamento, para nosso território e para nossos corpos, de lixos tóxicos que se tornaram baratos nos mercados internacionais porque já não são aceitos outros locais do planeta. Mais uma traição inaceitável (https://www.brasildefators.com.br/2021/06/11/as-mascaras-o-trigo-a-boiada). Até porque sabemos que existem alternativas. Com políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar e em apoio à agroecologia, poderemos construir bases efetivas para a segurança e soberania alimentar de nosso povo e assim alcançar outro patamar civilizatório. Somente proibindo a contaminação do solo sadio, da água, dos alimentos e dos corpos, por agrotóxicos, conseguiremos evoluir para um estágio superior, de pessoas comprometidas com as bases da vida. Para isso, é necessário refletir sobre o que estão fazendo stes representantes da sociedade que nos tratam como pessoas descartáveis, demonstrando ter por nossa saúde um tipo de desprezo que nem cachorros sem dono merecem receber.

O JARDIM QUE SONHAMOS E PELO QUAL LUTAMOS

Sandro Gallazzi
Biblista e Agente da Comissão Pastoral da Terra

Foto: Arquivo CPT/RS, 32ª RT. Sapucaia do Sul, 24/02/09

As sagradas escrituras se abrem com um lindo jardim. É um jardim que nasce pela ação de Iahweh Deus, que vence o deserto, sinal do nada, da não vida.

É um jardim bonito, cheio de vida e de fartura, entregue ao homem, para que dele possa viver!

Mas a natureza inteira não está completa, nem a felicidade de Adam está plena. O jardim farto e a fome saciada não bastam. Falta alguém para que Adam esteja bem, para que ele seja bom.

E Iahweh Deus dá forma à mulher: "substância de minha substância e carne de minha carne", como diz Adam ao recebê-la. O quadro se completa: o jardim é casa do homem e da mulher que se encontram e se recebem num relacionamento de igualdade. A nudez, vivida com naturalidade, garante a falta de submissão e de exploração entre os dois. Parecem existir todos os elementos para dar certo: parece o sonho de todo nós. Este é o jardim em que Iahweh Deus gosta de passear, na brisa da tarde (Gn 3,8).

Havia, também, uma ordem: não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Caso contrário, iríamos perder a árvore das vidas! Este é o único limite no jardim de Iahweh Deus. Para que tenha vida e vida completa é preciso ouvir a voz de Iahweh Deus, o criador do jardim.

Não comer desta árvore que está no meio do jardim significa bem mais do que deixar de comer uma fruta.

O que está em jogo, aqui, é a escolha de um projeto que não é o de Iahweh Deus. É pensar que cabe a nós estabelecer os critérios da vida e da morte, do que è bem e do que é mal.

Esta antiga parábola é a radiografia permanente da história do povo de Israel: formado no deserto, entrou no jardim da terra prometida, mas depois escolheu abandonar Iahweh e o substituiu por ídolos ou por homens poderosos que se pretendiam "iguais a Ele". Reis e sacerdotes, palácios e templos substituíram a sociedade igualitária e solidária.

Por causa desta escolha, o jardim, lugar bom e lugar do bem, se fechou. Sobreveio o sofrimento, a fadiga e a dor. A natureza voltou a ser deserto, tornou-se lugar de espinhos e o relacionamento de igualdade e reciprocidade virou de dominação e submissão.

A partir daqui, ao longo da história, o jardim, antes recebido como dom e agora fechado, terá que ser reconquistado com fadiga e muito sofrimento nos desertos da história.

Não será fácil: vai ser preciso acreditar em Iahweh e optar pelo seu projeto. Mais ainda: vai ser preciso acreditar no jardim, acreditar e lutar para conquistá-lo. A caminhada simbólica do povo, no deserto, rumo ao jardim da Terra Prometida, é o testemunho mais claro desta fé e desta luta. No deserto o povo aprendeu a servir Iahweh, fez aliança com ele e se preparou a viver no jardim da terra prometida, fiel aos mandamentos divinos.

Por quase 150 anos, na época das tribos, o povo, apesar de vários recuos e falhas, procurou viver a vida do jardim. Todas as famílias herdaram um pedaço de chão para viver e trabalhar, não havia exploração entre elas. Todas colaboravam e se uniam para produzir melhor e para se defender de eventuais inimigos.

Chegou, porém, o momento da mudança. Os mais abastados quiseram um rei, quiseram ser como as outras nações que aparentavam viver numa situação melhor. Não ouviram a palavra do profeta Samuel e, aos poucos, tudo desandou.

No meio do povo voltou a opressão, a exploração. Os mais poderosos dominaram o povo. O grito dos profetas denunciava: "juntam casa a casa e campo a campo, até que fiquem os únicos habitantes no meio da terra!" (Is 5,8); "cobiçam campos e casas e as tomam; fazem violência ao homem e à sua casa, ao homem e à sua herança" (Mq 2,2).

A voz dos profetas não foi ouvida, a situação do povo continuou piorando, até que muita gente foi levada ao exílio. Longe da terra prometida, o sonho de voltar a um jardim cheio de vida animou as esperanças e a resistência dos exilados:

Eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém uma alegria, e para o seu povo gozo. E exultarei em Jerusalém, e me alegrarei no meu povo; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor. Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque o menino morrerá de cem anos; porém o pecador de cem anos será amaldiçoado. Edificarão casas, e as habitarão; plantarão vinhas, e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore, e os meus eleitos gozarão das obras das suas mãos. Não trabalharão em vão, nem terão filhos para o terror; porque são a posteridade bendita de Iahweh, e os seus descendentes estarão com eles. E será que antes que clamem eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei. O lobo e o cordeiro se apascentarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; e pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz Iahweh (Is 65,17-25).

O profeta quer que tudo recomece mais uma vez: ele sonha uma nova criação, um novo jardim sem dominação e opressão, onde todos possam gozar do fruto das obras de suas mãos. Vida longa de jovens e velhos, sem mais dor nem lágrimas. As relações com Deus, com a natureza e entre nós serão relações de vida e de paz.

No monte santo, apesar do templo, do palácio e do mercado, não se fará mal algum nem nenhum dano!

Passaram mais uns cem anos e tudo desandou de novo e, desta vez, pela responsabilidade dos sacerdotes que organizaram uma opressão refinada usando e abusando da religião como mecanismo de opressão: um pesado esquema de normas, leis, sacrifícios, pecados, impurezas que mantinham o povo sempre submisso, pois, sobretudo as mulheres, estavam sempre em situação de pecado.

Foi um momento duro; o jardim ficou árido e só servia para alimentar a elite. As mulheres, porém, não deixaram de acreditar que o jardim era possível.

Um belíssimo livro de poesias, o "cântico dos cânticos" nos diz que tudo que Deus quer de nós è que nos amemos, sem dominação, sem exploração. No dia da Páscoa, ao lerem este livro, o povo celebrava que não devemos querer ser como Deus, se Deus è como nós quando nós nos amamos.

Este sonho só se tornou realidade no dia da ressurreição de Jesus (Jo 20,11-18).

No jardim a situação era de morte. A mulher estava chorando o amigo morto, executado. Ela não tinha nem o conforto de cuidar do cadáver do amigo, pois o corpo sumiu.

De improviso, a situação de Gênesis se repete. No jardim, homem e mulher se encontram e se reconhecem.

A mulher vibra de alegria e se joga aos pés do amigo, quer abraçá-lo para nunca mais perdê-lo, agora que o encontrou. Já sofreu tanto, agora ninguém irá tirá-lo dela.

Foto: Arquivo CPT/RS, 32ª RT. Sapucaia do Sul, 24/02/09

Foto: NF Audiovisuais, 40ª RT, Fazenda Annoni, Pontão, 28/02/17

Jesus reconquistou definitivamente o jardim. Esta verdade, que a mulher testemunha por primeiro, deve ser anunciada. O jardim, agora, torna-se ponto de partida, mas não seremos expulsos dele, nem ele ficará fechado. Jesus o reabriu para sempre e a mulher sairá de lá para anunciar o evangelho: o Deus de Jesus è o nosso Deus, o Pai de Jesus é o nosso Pai! Todos que acreditarem nisso e viverem como irmãos poderão entrar no jardim, agora reaberto para sempre.

Isso não quer dizer que acabou a dor e a opressão. O império não vai deixar em paz quem acredita que o mundo possa ser um jardim de fraternidade e de paz. O império persegue, aprisiona, mata. Mas não vai mais extinguir este sonho que, agora sabemos, não é só um sonho bonito. É o ponto de chegada de toda a nossa história.

Vai ser na cadeia de Patmos que João, preso político, nos regalará a "profecia" verdadeira, no livro do Apocalipse. Tudo e todos, em todas as páginas, proclamam: "Deus reina!"

No momento da violenta e arrogante opressão romana, João nos fala da soberania do Senhor Deus e do seu Cristo. A vitória, porém, não vai ser fácil. O dragão, a besta fera, o falso profeta sempre estarão perseguindo a mulher, o povo, que quer dar a luz o Reino de Deus. O Dragão enfurecido derrama sua ira sobre a mulher que, mais uma vez, para ter vida, precisa passar pelo caminho do deserto (Ap 12,6.14).

O dragão, besta, o falso profeta e todas as forças da morte serão derrotadas e eliminadas. E então, para quem acreditou no jardim e por ele viveu e morreu, vai descer do céu a nova cidade, o jardim realizado.

Um jardim enorme: um quadrado cujos lados medem 2.220 quilômetros: é o tamanho do império romano oriental, finalmente substituído pelo jardim das delícias do reino de Deus. Lá não haverá mais o mar do poder dominador imperial. Lá não terá mais o templo do poder dominador religioso, conivente com a besta.

Será um jardim amigo, com suas árvores da vida que dão frutos a cada mês e cujas folhas curam os povos todos. No meio, um rio de águas vivas. E no jardim, agora novamente reconstruído e reconquistado, o Espírito e a Esposa podem se encontrar, vivenciar seu amor e se chamar um ao outro: "vem!" e dizê-lo também a todos nós.

Que este sonho-visão de João nos anime a todos e todas que acreditamos e queremos o jardim como lugar do encontro e da harmonia entre mulheres e homens, com a mãe terra e com o nosso Deus. Mesmo sabendo que ainda teremos que lutar nos desertos da vida durante um tempo, dois tempos e metade de um tempo ou 1260 dias ou 42 meses: são simbólicos três anos e meio, 3,5! (Ap 12,6.14; 13,5)

Por violento que seja o conflito, por duro que seja o sofrimento, por forte que seja o império, o "deserto" não passará de três e meio.

O sete da vitória, o sete do jardim definitivo pertence ao Cordeiro e a quantos o seguirmos.

Até o fim!

SINAIS DE ESPERANÇA NA AGRICULTURA FAMILIAR E NA AGROECOLOGIA

Frei Wilson Zanata
Atua na Fraternidade Padre Josimo, Hulha Negra, RS,
autor de "Receitas Caseiras", em 3 volumes.

Foto: Maurício Queiroz, arquivo CPTRS

A agricultura familiar e ecologia em meio ao agronegócio, no mundo de hoje, vive uma situação diferente de outros tempos. Constata-se o incentivo financeiro, por parte do governo ao agro, através da monocultura, baseada em sua grande parte na transgenia, adubos químicos e aplicação de agrotóxicos, tudo em vista do lucros, em prejuízo e com a destruição do meio ambiente, o descontrole da natureza e provocação de doenças ao ser humano.

No meio desta realidade estão os camponeses com a agricultura camponesa familiar resgatando, ou mantendo a originalidade de uma produção sadia para o meio ambiente, a natureza como um todo e para a pessoa humana viver saudável.

Constata-se em muitas comunidades, camponeses interessadas em manter esta cultura, preservando as sementes crioulas e uma produção limpa das impurezas do sistema.

A pandemia do coronavirus fez refletir e despertar o interesse de feiras de alimentação pura. A cidade e o campo se conscientizaram um pouco mais para esta realidade. E devido a isso estão surgindo feiras para ter comida saudável, "Pois, como dizia o Pai da Medicina, Hipócrates, 'que a tua comida seja o teu remédio e o teu remédio seja a tua comida".

Acompanhando a necessidade de uma alimentação sadia, vem crescendo o resgate de sementes crioulas. Sementes de milho, feijão, arroz de sequeiro, soja convencional, trigo e as mais diversas sementes para se ter a maior diversidade possível para o bem viver das pessoas.

Acompanhando esta prática de produção agrícola, está crescendo a busca por carnes saudáveis de animais criados com uma alimentação natural, deixando de lado o que é produzido com hormônios e químicos, portadores de enfermidades ao ser humano.

Muitos agricultores de comunidades ou grupos, e movimentos sociais do campo e da cidade, estão percebendo que existe uma relação entre o todo. Constatam que para se ter uma alimentação saudável não basta ter a semente pura, senão também adubação. O corpo humano precisa mais de 80 nutrientes, e a terra depois de ter produzido por vários anos, ela enfraquece, no dizer de muitos, fica mais pobre e por isso precisa de reposição. E adubação oferecida pelas agroindústrias é o NPK, que basicamente contem três nutrientes, o que vem empobrecer também a planta por falta de nutrientes. Pois isso, a necessidade da recuperação da terra com a adubação orgânica, com compostagem, adubação verde, biofertilizantes, pó de rocha... proporcionando uma planta nutritiva tanto para os animais como para a pessoa humana. O que vem confirmar a agrônoma Ana Maria Primavesi, 'solo doente gera plantas doentes, que geram pessoas doentes'. 'Quando se joga veneno que elimina a maioria dos insetos e organismos, ficam um ou dois, esses se multiplicam e viram praga.'

'Tudo deve ser encaixado, o homem, a terra, as culturas, temos de conviver com a natureza e não combater. Para isso, é preciso voltar e retomar uma agricultura natural, como foi feita por milhares de anos'.

Para criar harmonia na criação, em contraposição ao sistema capitalista, os camponeses vem ajudando o planeta no plantio de

milhões de árvores nativas para equilibrar o meio ambiente. Junto com isso vem cuidando das águas, fontes e nascentes para que sejam desfrutadas com equilíbrio.

A situação de desiquilíbrio em que a natureza se encontra e consequentemente o ser humano, fez crescer entre as pessoas e comunidades, o interesse e a preocupação em resgatar o que está na memória de muitos, que foi deixado de lado com o passar do tempo. A prática do remédio caseiro, que foi substituído e desprezado pelo químico existente nas farmácias, está despertando nas pessoas a prática dos nossos Pais e Avós. Pois a Farmácia de Deus, com as ervas naturais que a natureza oferece, serve para prevenir contra doenças e curar muitas delas.

Estas práticas com os cuidados com o meio ambiente e a preocupação em produzir melhor para as pessoas viverem bem, está desde sempre praticado por muitos camponeses. Outros já despertaram a bom tempo e outros então percebendo que este sistema não quer deixar nada ou pouco para os pequenos.

A agricultura camponesa familiar, ou seja, produção dos camponeses, é fundamental como sempre foi para a Nação. Mais de 70% da comida que chega a mesa dos brasileiros é produzida por eles. Enquanto que a produção que destrói a natureza e cria doenças é exportada para engordar gado em outros países.

Camponeses que diversificam sua produção o máximo possível, dentro dos limites dos cuidados necessários e possíveis, vivem melhor, com uma mesa mais farta e diversificada, com bem menos produtos provenientes do mercado das grande empresas.

HISTÓRICO DA EMAFA - ESCOLA AGRÍCOLA, FLORESTAL E AMBIENTAL

Ismael Rosset - Arquiteto

A ideia inovadora e desafiadora da criação da Escola EMAFA iniciou por volta de 1990, cuja missão era preservar o pinheiro araucária e a mata nativa do nosso município, por meio do desenvolvimento da consciência ambiental e profissional desde a juventude, tendo como público alvo o filho do pequeno proprietário rural.

A criação da Escola Agrícola, Florestal e Ambiental – EMAFA, foi publicada no diário oficial da união em 19/12/1991. Em 1992, iniciou-se a edificação dos 1.735 m² de construção, com recursos do FNDE e Municipais, numa área de 24.200 m², localizada junto ao Lago Verde, um dos principais pontos turísticos de Ilópolis. As atividades escolares iniciaram no dia 04 de abril de 1995, atendendo duas turmas, 5ª e 6ª séries. Em 1996, foi aprovada a ampliação para as turmas de 7ª e 8ª séries.

Em meados de 1998 a matriarca da ecologia, a portuguesa Judith Cortesão (in memoriam), visitou a EMAFA e reforçou a importância dos estudos e proteção da natureza para se remodelar o futuro, tendo a escola como agente transformador.

Em julho de 1999, plantou uma muda de araucária no pátio da escola.

Em abril de 2000, a escola recebeu uma reportagem e o título de cidade nota dez na revista Terra.

No ano de 2004 a escola recebeu o Prêmio Folha Verde da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul no setor Agricultura Ecológica.

Em 2005, as escolas do interior do município foram nucleadas e a Escola EMAFA ampliou novamente as séries, oferecendo o Ensino Fundamental Completo do 1º ano ao 9º ano.

Atualmente, a escola tem carga horária de 1400 hrs/aula nas Séries Finais do Ensino Fundamental, com disciplinas divididas em dois núcleos: Comum e Área diversificada, onde além das disciplinas do currículo normal contamos com as disciplinas de Agricultura, Zootécnicas, Silvicultura, Educação Financeira e Fiscal e Educação Ambiental, sendo a EMAFA, a primeira escola do país a ter na sua grade curricular a disciplina de Educação Ambiental.

Os alunos vivenciam situações práticas de ensino, que favorecem o crescimento cultural e formativo, através da valorização do homem e da terra, possibilitando a permanência na zona rural, preservando assim a sua origem e contribuindo para evitar o êxodo rural. É aplicando a teoria adquirida em sala de aula, que ocorre a influência direta sobre as famílias no que tange ao manejo com a terra, respeitando o meio ambiente onde vive e buscando sempre novas perspectivas de vida.

A ERVA-MATE NA CULTURA INDÍGENA

Oldi Helena Jantsch
Agente da Comissão Pastoral da Terra

Foto: Maurício Queiroz, arquivo CPTRS

Tomar um gostoso chimarrão bem cedinho perto do fogão a lenha ou em qualquer horário do dia é um hábito muito comum para a grande maioria das famílias gaúchas, costume que faz parte da cultura e da identidade, não só do Rio Grande do Sul, mas SC e PR também, sem deixar de citar os países vizinhos como o Paraguai, a Argentina e o Uruguai. No entanto, nem todos tem presente a origem do chimarrão e por quais mãos a Erva Mate foi descoberta. É herança dos povos indígenas que remonta há milhares de anos, mas foi a partir do século XVI que o homem branco teve contanto com a Erva-Mate e precisamente foram os povos Guaranis que nos presentearam com a preciosidade desta planta tão significativa para nós, seja do ponto de vista cultural ou econômico.

Conhecida por Erva-Mate e de nome científico Ilex paraguariensis,é nativa do Bioma Mata Atlântica, mas foi espalhada por todo o estado. Esta planta e seu uso é uma das inúmeras heranças dos povos indígenas que foram os primeiros habitantes destas terras. Não só os índios Guaranis, mas também os Kangangues, Charruas e Minuanos faziam e continuam a fazer uso do mate. Usos que vão desde mascar, como chá ou no chimarrão sem esquecer que para os indígenas ela também é considerada sagrada fazendo parte de rituais importantes da cultura.

Como é uma planta nativa, era encontrada facilmente na floresta, e imagina-se que os povos indígenas, foram provando de suas folhas, sentindo o cheiro e o sabor, observando até descobrirem que ela poderia ser ingerida e que após provar dela sentiam-se mais dispostos, pois tratava-se de um estimulante natural, que dava mais disposição, daí começaram a utilizar. Para plantar, não funciona jogando as sementes na terra, estas nascem se for feito um processo de quebra de dormência das sementes. Na natureza são os pássaros que fazem isso quando se alimentam de sementes, estas sementes no intestino dos pássaros tem a dormência quebrada e então pode nascer.

"A Erva-Mate na nossa língua se escreve kogûn, e utilizamos principalmente no chimarrão todos os dias, é uma herança dos nossos antepassados. Lembro do meu avô e minha avó tomarem chimarrão na cuia feita de Porongo e a bomba era de taquara, outra maneira era cortar um gomo de taquara e fazer como uma cuia também. Meu avô quebrava os galhos mais finos da erva, sapecava no fogo e depois socava num pilão e estava pronta a erva para o Chimarrão. O índio não precisava plantar Erva, ela dava nos matos, era nativa, quem fazia o plantio era os passarinhos que comiam as sementes e depois semeava", conta Luiz Alan Retanh Vaz de 56 anos, que é o cacique da Aldeia Indígena Foxá, localizada em Jardim o Cedro, Lajeado-RS. "A gente não vive sem o chimarrão, ele é muito importante para o índio, é da nossa cultura, quando levantamos cedo já esquentamos a água e preparamos o chimarrão e durante o dia sempre tomamos" comenta Mari Terezinha Franco, 50 anos, esposa de Luiz Alan.

Os Sinais de Esperança vindos da Agroecologia

Maurício Queiroz
Técnico Agrícola e Agente da Diocese de Santa Cruz do Sul e da CPT/RS

Terra e Agroecologia

Foto: Maurício Queiroz, arquivo CPTRS

A terra, nosso único planeta, nossa Casa Comum como bem nos fala o Papa Francisco, é um gigantesco organismo vivo, isso mesmo, um emaranhado de vida que está interlaçada, interrelacionada entre si. Um complexo sistema do qual fizemos parte juntamente com muitos, diversos e variados tipos de seres vivos que vivem em plena harmonia, aliás, precisam viver em harmonia. É importante destacar que Ecologia significa, o cuidado com a casa Comum. Todos os habitantes desta casa compartilham do mesmo espaço, da mesma energia vital, do mesmo oxigênio e a matéria prima que as compõe é a mesma. Fascinante!

Ecologia derivada do grego, **Eco = Oikos = que quer dizer Casa, Logia = Logus = conhecimento,** estudo, então Ecologia é o estudo, é o cuidado com a Casa, a grande Casa Comum. Quem habita esta casa? Um conjunto de seres vivos, dos mais variados tipos, cujo nome é BioDiversidade – isto é, Bio = Vida e Diversidade = diversos, vários. Inclusive nós humanos fizemos parte desta biodiversidade. Então quando falamos de Agroecologia estamos falando exatamente de cultivar a terra sem destruir a Casa Comum, é fazer agricultura respeitando a grande casa, o planeta, e os moradores dela, ou seja, toda a biodiversidade.

Como está o convívio na casa comum? Como vivem seus moradores e como se relacionam entre si? Como vivem os humanos entre si e com os demais?

A Terra pra Viver X A Terra pra Negócio

Foto: Maurício Queiroz, arquivo CPTRS

É bom lembrar que existe a Terra pra Negócio e a Terra pra viver. A terra pra negócio é em síntese o chamado agronegócio, que usa a terra para ganhar dinheiro, caracterizado pelo latifúndio com grandes extensões de terras com monoculturas como a soja, do uso desenfreado de agrotóxicos, criação extensiva de gado, eucalipto, e que põe o dinheiro acima de qualquer coisa e, em geral, não está preocupado com o meio ambiente, com a produção de alimentos e muito menos com os povos tradicionais como os indígenas e quilombolas. A terra pra negócio é a terra concentrada em poucas mãos para especulação e acumulação.

Já a terra pra viver é a terra da vida, isto é, aquela que cumpre sua função social e ambiental, que põe a vida antes do dinheiro, que na prática é a terra utilizada para Agricultura Familiar, Camponesa, e desenvolvida pelos Povos Tradicionais (indígenas, quilombolas, quebradeiras de coco, ribeirinhos, etc) que vivem do que produzem e o dinheiro de suas vendas é para sua sobrevivência. É a terra repartida e transformada em assentamento, é a terra da mulher da roça e do jovem rural. É a terra utilizada para desenvolver a Agroecologia, preservar as Sementes Crioulas e toda a Biodiversidade

Experiências da Agroecologia

Foto: Maurício Queiroz, arquivo CPTRS

Agroecologia é uma forma diferente de pensamento e atitudes na roça, resultando em mudanças na maneira de praticar a agricultura e no relacionamento com as pessoas. Tem como base vários princípios ecológicos para o manejo de sistemas agrícolas, buscando a conservação dos recursos naturais, como o solo, a água e a biodiversidade. Para Miguel Altieri, agroecologia "É uma ciência que apresenta uma série de princípios e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas".

Nos anos 80 se falava muito em Agricultura Alternativa, exatamente como uma alternativa a agricultura convencional, já a partir dos anos 90 com um amadurecimento de conceitos se começa a falar em Agricultura Ecológica e em Agroecologia, não mais como alternativa, mas sim como solução. Em todo o estado começam a germinar experiências de agroecologia desenvolvidas por grupos de agricultores e agricultoras com apoio de algumas entidades pioneiras. Entre as entidades pioneiras destaca-se: O CAPA – Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia, vinculada a IECLB-Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, iniciado em 1979 atuando em Pelotas, Erexim e Santa Cruz do Sul, o CAE- Centro Ecológico de Ipê-RS e o CETAP-Centro de Tecnologias Alternativas Populares de Passo Fundo dedicados a Agroecologia desde meados de 1985.A Fundação GAIA em Rio Pardo fundada em 1987 pelo ambientalista José Lutzenberger. Destaque para a FAE-Feira dos Agricultores Ecologistas de Porto Alegre realizada no Brique da Redenção desde 1989, a primeira feira ecológica do Brasil. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST tem duas experiências que são destaque em todo o RS, a Bionatur Sementes em Candiota com 24 anos dedicados a agroecologia com a produção de sementes por famílias assentadas pela Reforma Agrária, configurando a única cooperativa de produção de sementes ecológicas especialmente de hortaliças do Brasil e a produção de Arroz Orgânico nos assentamentos na região metropolitana sendo o maior produtor de arroz orgânico da América Latina.

Indo para a região da Diocese de Santa Cruz do Sul a Comissão Pastoral da Terra destaca-se como uma das entidades pioneiras a incentivar e a desenvolver a Agroecologia. No início dos anos 90 incentivou a organização de muitos grupos de produção ecológica, grupos que se reuniam para elaborar o Biofertilizante Super Magro e também para multiplicação de sementes de milhos, na prática realizavam cruzamentos de variedades de milhos produzindo assim sementes para uso dos agricultores e agricultoras do grupo. Mas as duas experiências mais marcantes e que irradiam até hoje são a Escola de Jovens Rurais-EJR que em 2022 irá completar 30 anos dedicados a formação de jovens da roça com enfoque formar jovens agricultores/as para serem agroecologistas e o trabalho dedicado com as Sementes Crioulas, incentivando o resgate e a sua multiplicação realizando anualmente os chamados "Encontros Diocesanos de Sementes Crioulas" que completaram 21 anos de realização, que despertaram toda a região para a luta das Sementes Crioulas e a criação do Banco de Sementes Crioulas. No tema das sementes crioulas também destaca-se na região o Movimento dos Pequenos Agricultores-MPA com a UBS-Unidade de Beneficiamento de Sementes localizados em Santa Cruz do Sul e Encruzilhada do Sul.

É importante destacar também que com apoio da CPT foram organizadas duas articulações regionais de Agroecologia, a AAVT-Articulação de Agroecologia do Vale do Taquari e a AAVRP-Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo que somam esforços para avançar juntos a agroecologia em toda a região. Com esforço destas articulações foi criado o Curso Bacharel em Agroecologia em Santa Cruz do Sul em 2019 coordenado pela UERGS e o NEA-VT Núcleo de Estudos em Agroecologia do Vale do Taquari desde 2018 pela UERGS de Encantado. Por fim, a criação da EFASC-Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul fundada em 2009 e a EFASOL-Escola Família Agrícola Vale do Sol em 2015 proporcionando oportunidade a jovens rurais cursarem o Ensino Médio Técnico em Agricultura com foco na Agroecologia.

Algumas Experiências de Agroecologia na Diocese de Santa Cruz do Sul

Na área de abrangência da Diocese de Santa Cruz do Sul há 15 Feiras Ecológicas e vários grupos dedicados a produção ecológica, uns já com vários anos de caminhada, outros na transição, demonstrando assim que a Agroecologia cresce de forma animadora. Também há várias iniciativas na linha da preservação e multiplicação de sementes crioulas. Destacamos aqui algumas destas experiências.

Foto: Maurício Queiroz, arquivo CPTRS

O Eco da Vida

É um grupo de 6 famílias de pequenos agricultores e agricultoras de Venâncio Aires criado em 2002. O grupo participa da Pastoral da Terra e se reunem com frequência para debater a conjuntura e os problemas da agricultura, especialmente o problema relacionado a monocultura do fumo e os agrotóxicos.

"Contamos com assessoria do CAPA - Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia e desde 2002 realizamos a feira ecológica em Venâncio Aires. Incentivar a produção ecológica, o uso e conservação das sementes crioulas é o principal objetivo do grupo" conta Clécio Weber um dos integrantes.

Um dos projetos iniciais do grupo foi a instalação de uma agroindústria de cana-de-açúcar. E no dia 25 de outubro de 2012 foi inaugurada a Agroindústria de Derivados de Cana Orgânica Família Weber de propriedade de Lori e Clécio Weber. A matéria prima para a produção de melado e açúcar mascavo é produzida pelas demais famílias do grupo.

Outro integrante do grupo, o Roque Finkler, relata "realizamos uma experiência em grupo comparando a produtividade e o desempenho entre os milhos híbridos e crioulos, na hora da colheita colhemos porções iguais de cada variedade, e a variedade que nestas condições rendeu mais foi o Milho Crioulo Asteca Amarelo. Comentei este resultado em casa com meu pai, hoje falecido, e ele me relatou que quando ele casou em 1950 e veio morar na Linha Duvidosa ganhou de seus pais uma porção dessa variedade e vinha cultivando e cuidando dela nestes anos todos. Portanto, esta variedade está na nossa região há pelo menos 70 anos. Espiga não muito grande, mas sabugo bem fininho, o campeão de nossa experiência".

Grupo da Pastoral da Terra de Candelária

Em Candelária desde 25/06/1991, a então Pastoral Rural iniciou o trabalho que segue até hoje, lá se vão 30 anos. A partir de 2017 passaram a se chamar Comissão Pastoral da Terra - CPT adequando o nome conforme a CPT em todo o Brasil. O grupo se reúne a cada dois meses e os principais destaques do trabalho são: a reunião com grupos de agricultores e agricultoras para a elaboração do Biofertilizante Super-Magro especialmente nos anos 90, a discussão sobre a realidade da agricultura e a luta por crédito subsidiado (Pronaf) após a seca de 1996 onde a Pastoral da Terra apoiou muito forte esta luta, apoio aos jovens para participarem da Escola de Jovens Rurais, a realização dos chamados Encontros Municipais para a troca de Sementes Crioulas que este ano completou 21 anos e claro a participação de todos os anos das Romarias da Terra. "A gente destaca sempre a nossa participação em todas as Romarias da Terra por que isso é um evento que é a Pastoral da Terra que organiza. Aqui em Candelária a CPT é uma das entidades que está desde o início na organização do Encontro Municipal de Sementes Crioulas, incentivando a produção ecológica e o cuidado com as sementes crioulas" frisa Eva Claudete Franceschetti.

Agricultores Ecologistas de Forqueta

Foto: Arquivo - Grupo Ecologistas de Forqueta

De Forqueta, Distrito de Arroio do Meio-RS, o grupo é composto por 7 famílias e foi criado em 1999. É um dos grupos pioneiros em toda a região, também integra a Rede Ecovida de Agroecologia. "Vários motivos influenciaram a organização do nosso grupo, como as mobilizações das mulheres no Movimento de Mulheres na busca dos seus direitos, como aposentadoria rural, talão do produtor. Nos encontros se trocavam ideias e informações sobre cultivo de plantas medicinais, alimentação saudável e boas práticas agroecológicas, tivemos o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Emater. Hoje passados 22 anos o grupo amadureceu e segue firme produzindo e comercializando a produção, especialmente de hortaliças, frutas e raízes em feiras, PAA-Programa de Aquisição de Alimentos, em mercados e na comunidade. Podemos dizer que conseguimos um equilíbrio tendo em vista as dificuldades iniciais. A persistência, paciência e a união do grupo foi e continua sendo fundamental" destaca Helena Weizenmann uma das integrantes do grupo.

GPAA - Grupo de Produtores Agroecologistas de Arvorezinha

O grupo foi criado em 13/08/2017 e recebeu o certificado orgânico pelo Sistema Participativo da Rede Ecovida em 13/03/18. É composto por 5 famílias, sendo Zaqueu Menegussi do município de Marau dedicada ao cultivo de hortaliças em geral. As famílias de Ângelo Viega e Vandro da Silva de Arvorezinha produzem laranjas, mirtilo, morango, physalis e hortaliças. Em Ilópolis outras duas compõe o grupo, a família de Juvenil Gomes Nunes e do seu filho Fabrício Gomes Nunes, onde dedicam-se ao cultivo da erva mate industrializa na pequena Agroindústria que leva o nome Princesa do Vale Orgânica.

O grupo conta com o acompanhamento técnico de Cléber Schuster da Emater. O objetivo é produzir produtos orgânicos para própria alimentação e comercialização tendo um hábito e alimentação saudável. A produção pode ser encontrada nas residências de cada agricultor em feiras locais e feiras específicas na região, além de lojas de produtos orgânicos, mercados e sites.

O jovem Fabrício Gomes Nunes destaca um dos lemas do grupo: "agroecologia e alimentação orgânica para uma vida saudável.".

A Luta das Sementes Crioulas

21 Anos de Encontros Diocesanos de Sementes Crioulas – a "bandeira das Sementes Crioulas" é uma marca na diocese de Santa Cruz do Sul. A CPT é pioneira na região na defesa das sementes crioulas, com forte repercussão em todo o estado, com a ideia de valorização dos agricultores e agricultoras, povos tradicionais, além de devolver as sementes aos verdadeiros donos e donas e incentivar a agroecologia.

Nos encontros itinerantes de Sementes Crioulas já participaram mais de 10.000 pessoas. Importante destacar que a CPT Diocesana organizou um Banco de Sementes Crioulas que tem um conjunto de informações com registros de agricultores/as e suas sementes crioulas, com acervo e mostruário, bem como, sementes crioulas a disposição de agricultores e agricultoras da diocese e região. São mais de 500 tipos diferentes de sementes, só de milhos são mais de 30 variedades e uma rede de mais de 250 famílias de guardiãs e guardiões de sementes crioulas, com destaque para vários jovens engajados nesta causa.

A **"semente crioula"** é a principal bandeira de luta e organização, por que ela simboliza o resgate e valorização da cultura camponesa e de seus conhecimentos. Quem tem sementes precisa de terra para plantar e quem tem um pedacinho de terra precisa de sementes. Então é a própria luta pela reforma agrária e a agroecologia. Quem cultiva e cuida das sementes crioulas também cuida do meio ambiente. Não é possível pensar em agroecologia e alimentação saudável sem as sementes.

A exemplo e inspirados nos Encontros Diocesanos das Sementes Crioulas acontecem encontros municipais em 7 municípios. Em Candelária, a Pastoral da Terra junto com a Paróquia Nossa Senhora da Candelária e outros atores locais (Emater, Prefeitura) há 21 anos realiza encontros municipais para trocas de sementes crioulas. Arroio do Meio e Cruzeiro do Sul realizam encontro há 14 anos. Também são organizados encontros em: Capitão, Passo do Sobrado, Encruzilhada do Sul e Progresso.

Foto: Arquivo - Grupo O Eco da Vida

Grupo Ecovida Ilópolis

O grupo é composto por três famílias que já cultivam de maneira orgânica e certificado pela Rede Ecovida de Agroecologia. Importante afirmar que há outras famílias que acompanham as atividades e estão em processo de formação e transição para a agroecologia.

A produção está voltada para a erva-mate orgânica e agroflorestal. Porém, a intenção é diversificar as propriedades com outras culturas que podem ser introduzidas juntamente com a erva-mate como feijão, batata, amendoim e, também, dar visibilidade a produtos da própria biodiversidade, como as frutas nativas da região.

As propriedades estão situadas na Linha São João, próxima a área urbana do Lago Verde, com média 9 hectares. "Começamos as nossas atividades em fevereiro de 2020, um mês antes de parar tudo por conta da pandemia. De lá pra cá, ficamos impossibilitados de fazer reuniões e apresentarmos a agricultura orgânica para outros produtores da cidade. Acredito que agora, com as vacinas e os cuidados necessários possamos estimular outros agricultores e agricultoras sobre a importância da agricultura sustentável." Conforme destacam Ariana Helena de Oliveira Maia e Clovis Roberto Roman integrantes do grupo.

As famílias vendem parte de seus produtos para indústrias de erva-mate da região. Outra parte em outros locais do Brasil, em forma de chá mate.

Os Guardiões e Guardiãs de Sementes Crioulas

Agricultor Sadi Giacomin guardião de Milhos Crioulos

Foto: Maurício Queiroz, arquivo CPTRS

Sadi Giacomin é um pequeno agricultor de Dois Lajeados que se dedica ao cultivo diversificado e ecológico de vários alimentos. Destaca-se como um guardião de 15 variedades de milhos crioulos e cultiva em média 6 hectares, onde utiliza o produto para alimentação dos animais que cria para consumo da família. Porém, a maior parte do milho é transformado em farinha de milho e canjica comercializado semanalmente em feiras ecológicas realizadas nas cidades de Lajeado e Dois Lajeados. "A agroecologia é mais trabalhosa, mas muito mais satisfatória, não tem preço comer um alimento livre de agrotóxicos e transgênicos, por isso vale muito apena. O que falta é apoio dos governos, falta políticas agrícolas em geral voltadas para o pequeno agricultor, para a agroecologia e a preservação ambiental. Outra preocupação que tenho é com a preservação da água, é um elemento essencial para a agricultura, por isso precisamos preservar as fontes, rios e lagos." Destaca Sadi.

Artesanato de palha de trigo

Foto: Maurício Queiroz, arquivo CPTRS

O casal Lúcia e Ovídio, são agricultores de Ilópolis, cultivam alimentos diversificados, fazem vinho, e com os filhos produzem erva-mate e industrializam em uma pequena indústria montada no porão de sua casa. Se destacam também na preservação de uma variedade de trigo crioulo, um trigo que os seus antepassados trouxeram da Itália. Ele é ótimo para fabricar o artesanato com a palha, fazendo chapéu e, tantos outros, tipos de artesanato.

Chapéu de palha é típico da cultura italiana e característica dos agricultores e agricultoras que usam para proteção do sol.

- "O Artesanato da Palha de Trigo é uma tradição de nossa família passada de geração em geração. Começa com as sementes deste trigo especial para o artesanato, trigo chamado Formenti Dei Capei. Então preparamos a terra e plantamos todos os anos, colhemos, preservamos as sementes e com a palha confeccionamos o artesanato. A trança ou dressa como é chamada, é feito manualmente, onde então são confeccionados os chapéus, esportas e muitos outros artesanatos, trazido pelos imigrantes italianos, gerando renda principalmente para as mulheres." Destaca Lúcia Chiesa.

Os 30 anos da Escola de Jovens Rurais: sinais de esperança

Foto: Maurício Queiroz, arquivo CPTRS

A Escola de Jovens Rurais-EJR, está ligada a Ação Social Diocesana de Santa Cruz do Sul-ASDISC, é coordenada pela CPT e é um dos mais bonitos e importantes projetos da Diocese de Santa Cruz do Sul. E o que faz dela ser tão especial é o fato de não abandonar a juventude da roça e, sim, ir ao encontro a realidade desta juventude e proporcionar aos jovens espaços de formação. Em 2022 ela irá completar 30 anos de caminhada, e continua firme e forte sem medo de errar! Segue apostando na juventude do campo com o lema "não é preciso ser filho de doutor, jovem da roça também tem valor" (trecho de música de Antônio Gringo) e, como diz no seu hino, escrito pelos próprios jovens "venha para a Escola de Jovens Rurais por que aqui você aprende mais!". Aprende mais sobre: agricultura, agroecologia, meio ambiente, política, elaboração de projetos, saúde, cultura e muito mais. Temáticas abordadas nos três eixos prioritários, Agroecologia, Pastoral e Político.

Nestes 30 anos de história, passaram pela formação da Escola de Jovens Rurais-EJR mais de 1200 jovens que hoje atuam em diversos espaços da sociedade. Mas é importante destacar que a Agroecologia e toda a Luta das Sementes Crioulas também avança com a força da juventude.

A Turma da EJR 2021 tem um grande desafio, fazer a formação em tempos de pandemia, que exige que seja adequada a situação, isto é, presencial quando possível e virtual quando necessário. É a primeira vez que a EJR trabalha desta forma e, também, é a primeira vez que as inscrições foram virtuais, e superou todas as nossas expectativas, a turma atual é composta por 76 jovens, sendo 41 moças e 35 rapazes. Vindos dos municípios de: Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Candelária, Santa Clara do Sul, Dom Feliciano, Santa Cruz do Sul, Passo do Sobrado, Encruzilhada do Sul, Gramado Xavier, Boqueirão do Leão, Amaral Ferrador e fora da Diocese temos jovens inscritos de Taquari e um jovem de Minas Gerais de Araponga.

Durante a formação os jovens são desafiados a pensarem e colocarem em prática uma experiência de agroecologia em suas casas, mas também a pensarem coletivamente em um projeto de agroecologia.

Para os jovens optarem pela agricultura, é preciso políticas agrícolas e agrárias voltadas para os jovens. Infelizmente os governos não olham os jovens como prioridade, ainda menos os jovens da roça. Por isso, se faz necessário encorajá-los e encorajá-las para a agroecologia, com acesso a formação, ao crédito, ao mercado gerando renda e vivendo dignamente.

BOLO COM ERVA-MATE

por Ludmila Alves Gallon

Ingredientes:

4 ovos
2 xícaras de açúcar
raspas de limão (galego ou siciliano)
3 colheres (sopa) de erva-mate em pó (peneirada)
1 xícara de suco de laranja
1/2 xícara de óleo de milho ou girassol
1 pitada de sal
2 1/2 xícaras de farinha de trigo
1 1/2 colher (sopa) de fermento químico

Modo de preparar:

Separe as claras das gemas. Bata as claras em neve com a metade do açúcar, após acrescente as raspas de limão e reserve. Coloque no liquidificador as gemas, a outra metade do açúcar, o pó de erva-mate, o suco de laranja, o óleo e o sal. Bata bem e reserve. Peneire a farinha de trigo com o fermento numa bacia e acrescente a mistura liquidificada. Misturando bem. Finalize juntando delicadamente as claras em neve. Coloque numa forma forrada com papel manteiga e asse em forno pré-aquecido a 180°C, por aproximadamente 40min. Não abrir o forno antes de 30min.

Orientações às Romeiras e Romeiros

1. Ainda vivemos a Pandemia do Coronavírus - COVID-19, esperamos que as condições sejam favoráveis para realização presencial da Romaria da Terra.

2. Leve proteção pessoal contra COVID-19, como máscaras e álcool em gel.

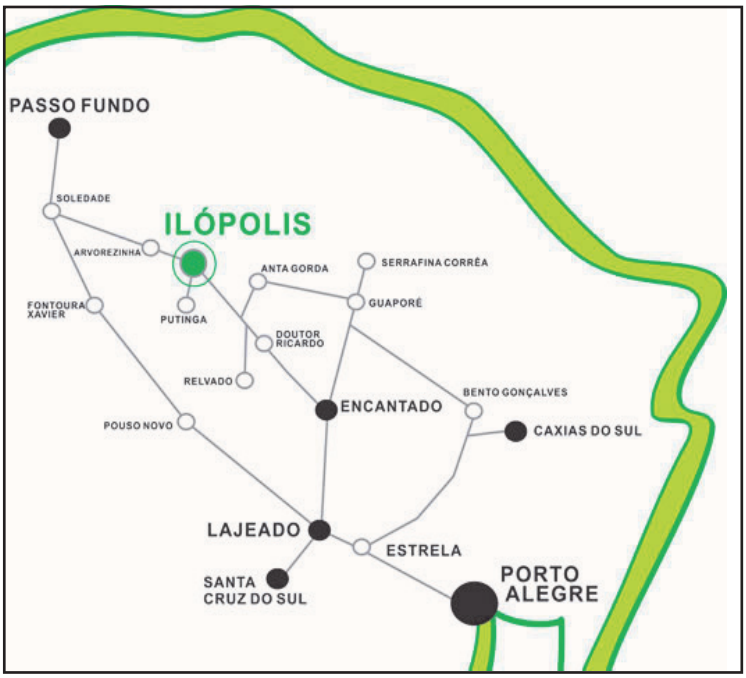
3. Leve sua garrafa ou caneca, haverá água potável no local.

4. Não esqueçam de levar faixas, bandeiras, chimarrão, boné, chapéu, proteção para o sol e a chuva.

5. Convide para a Romaria da Terra! Crie oportunidade para um debate sobre o tema, promova em sua Comunidade, Paróquia. Ajude a organizar sua caravana. Faça ecoar essa opção pela agricultura familiar e ecológica, alimentação saudável e defesa da Terra e da Água.

6. Programe-se para o encerramento às 16:00 horas após a Celebração de envio dos Romeiros e Romeiras.

Localização de Ilópolis



Parque IBAMA, Local da 44ª Romaria da Terra

EXPEDIENTE: 44ª Romaria da Terra
Promoção: CNBB SUL 3, Diocese de Santa Cruz do Sul e Comissão Pastoral da Terra - CPT/RS.
Coordenação Geral: Dom Aloísio Alberto Dilli, Oldi Helena Jantsch, Norma Knob, Frei Wilson Dalagnol, Pe. Clecio José Henckes, Maurício Queiroz, Pe. Jose Renato Back, Luiz Antôio Pasinato, Jurandir José Marques, Celso Ciconetto, Pe. Roque Hammes, Pe.Jolimar Lemos da Silva e Pe.Paulo Krindges.
Cartaz: Ismael Rosset
Fotos: www.nfaudiovisuais.com, arquivo CPT/RS, Diocese Santa Cruz do Sul e prefeitura Ilópolis
Diagramação: Luiz Antônio Pasinato
Impressão: Gráfica Batistel
Exemplares: 5 mil
Data: outubro de 2021
Contatos: Maurício Queiroz (051)9 96430119, Pe.Clécio José Henckes (051)9 98103002, Pe. Roque Hammes (051)9 99964487, Luiz Antônio Pasinato (055)9 97071255
Comissão Pastoral da Terra do RS. cptdors@gmail.com
Fecebook - Romaria da Terra RS
Apoio: Adveniat, Missionszentrale Der Franziskaner, Prefeitura de Ilópolis

ORAÇÃO 44ª RT

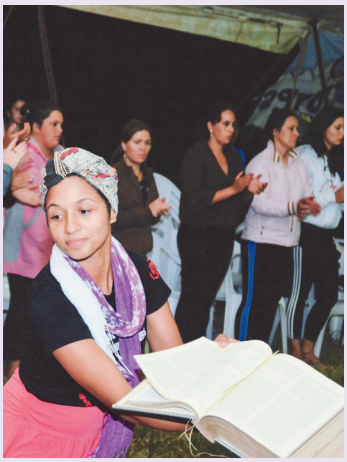
Dom Aloísio Alberto Dilli

Senhor Jesus Cristo, nasceste em viagem, a caminho de Belém, e foste acolhido numa gruta e cuidado com amor por Maria e José. Os primeiros que receberam a boa notícia do teu nascimento, como salvador da humanidade, foram humildes e pobres pastores do campo, que cuidavam de suas ovelhas.

Vieste ao mundo para anunciar a presença do Reino de Deus, com a boa notícia do Evangelho, identificando-te como caminho, verdade e vida para o seguimento de teus discípulos e discípulas.
Senhor, tu que habitaste entre nós, seja também hoje nosso companheiro no peregrinar esperançoso desta romaria, nas terras do cultivo da erva-mate, como o fizeste com os discípulos que voltavam pensativos para Emaús.

Faze-nos descobrir a tua presença no caminho da busca de melhores condições de vida através da agricultura familiar, da agroecologia e do cuidado da Mãe Terra, nossa casa comum.
Faze arder nossos corações com a vossa Palavra, luz em nosso caminho, esperança e força na difícil estrada da vida de nosso tempo.

Não falte entre nós a graça de partir o pão da caridade e da eucaristia, alimentos necessários da fé e da vida fraterna, para anunciarmos a boa notícia da vossa presença salvadora entre nós, a nos unir e fortalecer na luta por condições mais dignas para todos os irmãos e irmãs, sobretudo os mais necessitados. Assim seja.



HINO DA 44ª ROMARIA DA TERRA

L.: CPT, m.: Paulo José Krindges

Refrão
Irmãs e Irmãos, vamos todos cuidar,
Da nossa Mãe Terra, sempre em Mutirão.
Agroecologia, Agricultura Familiar:
Sinais de Esperança, nossa Fé em Ação.

I
Romaria da Terra: caminhada de vida,
Defende o ambiente, nossa casa comum.
Valoriza os povos, suas culturas e vidas
Todos juntos e unidos, para todos sermos um.

II
Romaria da Terra: caminhada de fé,
É o povo roceiro, defendendo a vida.
Quer a Reforma Agrária, desde o índio São Sepé,
E mais os Quilombolas, desta terra tão querida.

III
Romaria da Terra: caminhada do povo,
A Terra, nossa Mãe, sem veneno de ampolas.
Plantando, Produzindo, é a cultura do novo,
Alimentos saudáveis, com sementes crioulas.